

ESPORTE, ESTILO E CULTURA: A REVISTA DA VIDA EM MOVIMENTO

FAROL

IATE
#107

Março/Abril/Maio 2026



SESSENTA E SEIS MOTIVOS PARA sorrir

O Iate pelos olhos dos pequenos

Onde nascem velejadores

Escola de Vela forma
talentos p. 06

Mês da mulher

Sócias mostram
como o esporte pode
transformar vidas p. 34

Adote um atleta

Conheça mais sobre o proje-
to do Clube que fortalece o
esporte p. 58

UM FAENGE SEMPRE SUPREENDE

NOROESTE | ÁGUAS CLARAS | PARK SUL




R.I. 2º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DO DISTRITO FEDERAL R.9/131486
PERSPECTIVA ILUSTRADA

PALAZZO
105

LUXO REFLETIDO
DE FORMA ÚNICA

NOROESTE

- 4 SUÍTES
- VISITE DECORADO BY STUDIO ZUBA
- PRONTO PARA MORAR 




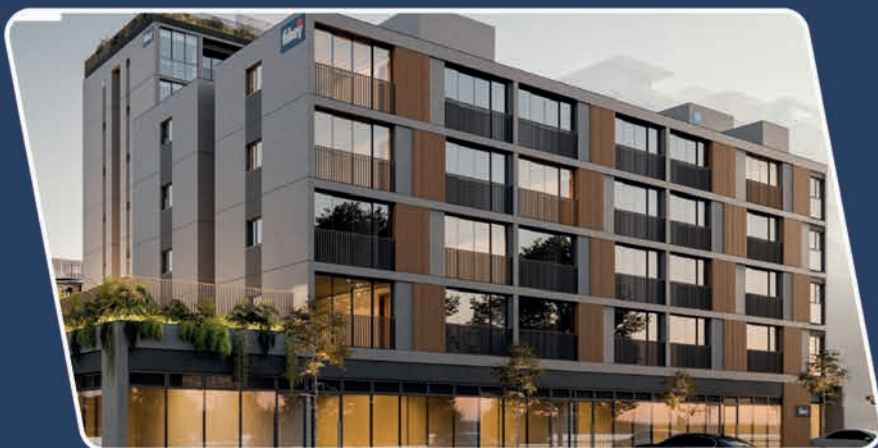
R.I. 3º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DO DISTRITO FEDERAL R.4/341104
PERSPECTIVA ILUSTRADA

VIVA
ÁGUAS CLARAS
RESIDENCIAL RESORT

UM RESORT PARA
CHAMAR DE LAR
EM 10.600 m² DE
TERRENO

ÁGUAS CLARAS

- 2, 3, 4 QUARTOS E COBERTURAS
- VISITE DECORADOS
- LANÇAMENTO 




R.I. 4º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DO DISTRITO FEDERAL R-9.59286/R-A-115389
PERSPECTIVA ILUSTRADA

fikey
PARK SUL

UM NOVO JEITO DE
INVESTIR.
UMA NOVA FORMA
DE FICAR.

PARK SUL

- STUDIO, 1 QUARTO E LOJAS
- VISITE DECORADOS
- PRÉ LANÇAMENTO 



FAENGE
EMPREENHIMENTOS

SEU IMÓVEL
MERECE SER
UM **FAENGE**



SAIBA
MAIS



VISITE AS CENTRAIS DE VENDAS

Noroeste

Avenida W9, Quadra 509,
ao lado do Posto Shell.

Águas Claras

Av. Sibipiruna, acima da CAESB

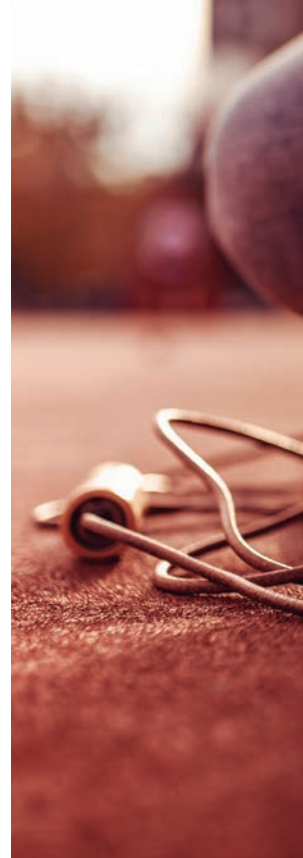
Park Sul

Avenida do Casa Park, em
frente à Pão Dourado.

Farol

Março/Abril/Maio

Estrutura da Náutica	08
Por que nascem grandes velejadores na Escola de Vela do Iate	
Leve seu clube na mala	16
Se você está com viagem marcada, conheça os parceiros do Iate em todo o território nacional	
Diretores e diretorias	31
Acompanhe a rotina do diretor médico Humberto Brasiliense	
Quem são os sócios que correm maratonas	44
Washington Luiz, Lívia Viana e Alexandre Pedrosa contam como foi a preparação para correr 42,195 km	
Diretores e diretorias	54
Conheça a história da diretora do Espaço Saúde e 1ª vice-comodoro, Cecília Moço	
Adote um atleta	58
Saiba mais sobre o programa de incentivo ao esporte do Clube e como você pode apadrinhar um jovem esportista	
66 motivos para sorrir	72
Iate completa 66 anos, e os pequenos Iatistas revelam como se divertem por aqui	
Luz, câmera e Cine Iate em ação	81
Sócios se reúnem mensalmente para debater obras cinematográficas no Memorial do Iate	
Churrasco sofisticado	88
Sócia Catarina Melo ensina um delicioso espetinho de camarão	
IateGram	90
Confira os cliques que marcaram os últimos meses	



64

Campeonato Brasileiro de Snipe

Bastidores e histórias da 76ª edição realizada no Clube em janeiro de 2026





34

Especial Mês da Mulher

Histórias de sócias do Clube que tiveram as vidas transformadas por meio do esporte



39

Espelho da cidade

Desde a fundação, o Iate é parte da tradição e da memória afetiva da cidade



84

Diretores e diretorias

Conheça a história do diretor de Esportes Individuais e 2º vice-comodoro, Gilson Luz

EXPEDIENTE

FAROL

Revista do Iate Clube de Brasília

Comodoro

Luiz André Almeida Reis

Presidente do Conselho Deliberativo

Edison Garcia

Dir. de Comunicação e Marketing

Márcio Cavalcanti de Albuquerque

Gerente responsável

Glen Homer

Jornalista responsável

Isabela Oliveira (13.616/DF)

Direção de arte

Glen Homer

Diagramação

Gabriel Mello Alves

Revisão

Luísa Dantas

Produção de textos

Isabela Oliveira

Foto de capa

Reisy Ruzzi Fotografia

Edição da capa

Gabriel Mello Alves

Fotografias

Lúcio Bernardo Jr./Agência Brasília, Acervo do Arquivo Público do DF, Acervo do Iate Clube de Brasília, Reisy Russi Fotografia, Luciano Villalba Neto / BsbSporting, Fred Hoffmann, Ângelo Pignaton/ Agência CLDF, Gilberto Alves/CEB, Acervo dos clubes: Caiçaras, Recreio da Juventude, Yacht Club de Ilhabela, Jangadeiros e Graciosa Country Club

Iate Clube de Brasília

SCEN Trecho 2, Conjunto 4

Brasília-DF

(61) 3329-8700

www.iateclubedebrasil.com.br

UNIDADE QUE FORTALECE



foto: Gilberto Alves / CEB

Edison Antonio Costa Britto Garcia
Presidente do Conselho Deliberativo

Em outubro de 2023, quando participamos do processo eleitoral que definiu a atual gestão do Iate Clube, apresentamos a todos um compromisso claro: trabalhar com responsabilidade, união institucional e foco permanente no sócio. Desde então, Conselho Deliberativo e Conselho Diretor atuam de forma conjunta, seguindo as atribuições institucionais de cada órgão.

Essa relação de cooperação fez com que o clube avançasse em melhorias estruturais, ampliasse e modernizasse espaços, investisse no fortalecimento das modalidades esportivas e aprimorasse a qualidade dos serviços. Conquistas que são fruto do planejamento de uma administração que consolidou o Iate como o maior e melhor clube do Centro-Oeste. Não por acaso, vimos a valorização do título associativo e o crescente interesse de novos associados.

Como toda grande organização, o Iate possui uma estrutura baseada na divisão de responsabilidades entre os órgãos de governança. Ao Conselho Diretor cabe a condução da gestão cotidiana, bem como a apresentação do planejamento e das propostas administrativas. O

Conselho Deliberativo, por sua vez, tem a prerrogativa de analisar essas propostas, debatê-las e, quando necessário, realizar os ajustes que o colegiado entenda mais adequados para o clube e para o quadro social.

Nesse sentido, o Conselho Deliberativo apreciou o relatório de atividades apresentado pelo Conselho Diretor e se prepara para examinar a prestação de contas referente a 2025. Quando cada instância cumpre o seu papel com responsabilidade, o resultado é uma governança sólida e decisões equilibradas.

Um exemplo claro dessa maturidade institucional ocorreu recentemente na discussão do reajuste da contribuição associativa para 2026. O Conselho Diretor apresentou uma proposta de aumento de até 14%. Durante a análise da matéria, também foi considerada uma proposta intermediária de recomposição inflacionária do período, bem como o parecer da Comissão de Orçamento, que recomendou a manutenção dos valores praticados em 2025. Após amplo debate, o Conselho Deliberativo entendeu, por decisão colegiada, que a manutenção dos valores era a alternativa que melhor se adequava ao atual momento do clube.

O veredito do colegiado, que reúne conselheiros eleitos para o atual mandato e conselheiros natos, entre os quais muitos ex-comodoros e ex-presidentes do próprio Conselho Deliberativo, ocorreu em um processo democrático e imparcial. São pessoas que conhecem profundamente a honra e o desafio que é dirigir um clube da magnitude do Iate. Divergências pontuais são naturais e, muitas vezes, essenciais para o aperfeiçoamento das decisões, desde que o respeito mútuo e a transparência prevaleçam.

No próximo mês de outubro, o clube viverá um momento decisivo. Caberá ao sócio escolher seus representantes em uma eleição respaldada pela lisura e pela legitimidade do voto. É assim que se fortalece a governança e se renova a confiança.

O nosso compromisso, conforme demonstrado no último triênio, é com o iatista. Com o patrimônio coletivo que construímos ao longo de décadas. Com a imagem de excelência que projetamos para Brasília e para o Brasil. Seguiremos trabalhando para que o Iate Clube de Brasília siga sendo motivo de orgulho para todos, hoje e nos próximos anos.

O CLUBE RESPIRA ESPORTE



Luiz André Almeida Reis
Comodoro

Nos últimos anos, o esporte tem sido a alma do Iate Clube de Brasília. Privilegiamos o desenvolvimento das escolas esportivas, com aproximadamente 1.500 crianças e jovens matriculados, a promoção de eventos e o apoio aos quase 300 atletas que viajam para representar o Clube no Brasil e mundo afora. Hoje o Clube oferta 16 modalidades esportivas a todos os associados (águas abertas, basquete, beach tênis, futebol, futsal, futevôlei, judô, natação, patinação, polo aquático, squash, tênis, tênis de mesa, vela, voleibol e vôlei de praia).

No começo de 2026, o Iate teve a honra e o privilégio de sediar importantes campeonatos nacionais e internacionais. Pela oitava vez, o Clube recebeu o 76º Campeonato Brasileiro de Snipe. Foram 84 barcos que competiram no Lago Paranoá, reunindo histórias e talentos de Norte a Sul do país.

O Iate tem história com a classe, pois no ano de fundação, a flotilha Snipe foi a responsável por inaugurar as regatas organizadas pelo Clube. No Campeonato Brasileiro, o Iate voltou a reunir grandes

nomes da vela: campeões mundiais, atletas olímpicos, velejadores experientes e novos talentos. Foram dias de competição intensa. O espírito esportivo e a confraternização entre gerações marcaram a semana do campeonato.

Também demos início ao calendário do judô nacional com o Troféu Brasil Cadete e Júnior. No tênis, nossas tradicionais quadras de saibro receberam um torneio Challenger 75 da Associação de Tenistas Profissionais (ATP).

Mais de seis mil pessoas passaram pelo Clube durante a semana do torneio para privilegiar tenistas sul-americanos, norte-americanos e europeus. Entre eles, o atleta do Iate Guto Miguel, que conquistou sua primeira vitória em uma partida profissional, jogando em casa. No final de março, o Iate vai receber um torneio de beach tênis.

Ao sediar competições de alto nível, o Clube amplia sua visibilidade no cenário esportivo. Abrimos a casa para receber o público externo e criamos oportunidades únicas para que nossos esportistas convivam e disputem com alguns dos melhores competidores do Brasil e do mundo.

Além do reconhecimento esportivo, os resultados alcançados pelos nossos atletas se revertem em benefícios concretos para toda a comunidade Iatista. Com o apoio do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), as conquistas, classificações e medalhas obtidas nas competições garantem recursos que retornam ao Clube em forma de investimentos.

Esses recursos contribuem diretamente para a melhoria da nossa infraestrutura esportiva e para o aprimoramento dos programas de formação. Assim, nossos atletas são beneficiados e passam a contar com equipamentos mais modernos, metodologias atualizadas, professores capacitados e instalações mais qualificadas. Além disso, a adoção de boas práticas de gestão e compliance fortalece a credibilidade das instituições, facilita o acesso a recursos e amplia as condições para fomentar a prática esportiva.

Em abril, o Iate completa 66 anos, e seguiremos trabalhando para fortalecer essa vocação esportiva que tanto nos orgulha. Queremos proporcionar um ambiente que inspire novas gerações a viverem o espírito esportivo mais do que nunca.



NÁUTICA: POR QUE NASCEM TANTOS CAMPEÕES?

Com mais de 130 atletas, a vela do Iate Clube de Brasília se destaca em competições no Brasil e mundo afora, resultado do trabalho dedicado dos técnicos e da estrutura oferecida pelo Clube

A Náutica do Iate Clube de Brasília coleciona medalhas nacionais, internacionais, troféus, campeonatos e grandes velejadores que nasceram no Clube. Na lista estão os campeões olímpicos Torben e Lars Grael, o grande campeão de J70 Felipe Rondina, Uthar Veiga, Bruna Patrício e atletas de outras modalidades, como Caio Uchôa da canoa havaiana.

Com aproximadamente 130 alunos nas aulas de vela, desses, 100 representam o Iate em competições atualmente. O que faz da Náutica ser um grande celeiro de campeões são três fatores, segundo os diretores de Esportes Náuticos e Escolas Náuticas: o Lago Paranoá, a equipe técnica e a escola como base para a formação dos atletas.

LAGO PARANOÁ ENSINA RESILIÊNCIA

Diferente do mar, o vento em Brasília é desafiador e inconstante. Em dias sem regatas, a ventania corre solta pelo Iate, mas é só chegar uma data esperada no calendário que não chega a seis nós. Essa característica de Brasília não é uma desvantagem, mas sim o que torna os velejadores mais resilientes e preparados para todas as condições.

“O vento em Brasília ronda e muda de direção bruscamente, impedindo o uso de qualquer ‘piloto automático’. Essa complexidade técnica obriga o velejador a ter atenção redobrada, desenvolvendo um raciocínio rápido e uma estratégia afiada para enfrentar qualquer condição no mar”, explica Rodrigo Fonseca Azevedo Pereira, diretor de Escolas Náuticas. “O Lago Paranoá é o nosso ‘professor’ mais exigente.”

“

**O Lago Paranoá é o nosso
‘professor’ mais exigente.**

Gustavo Raulino, diretor de Esportes Náuticos, acrescenta que o fato do lago não ter ondas ou ventos muito fortes compensa em um fator: a rápida mudança de cenário. “Isso prepara nossos velejadores. Eles não se frustram muito fácil e se adaptam. Isso é uma coisa importante também”, pontua.



EQUIPE TÉCNICA

No desenvolvimento de grandes atletas, o lago somente não faz milagres. Existe outro fator essencial nos bastidores: a engrenagem humana fundamental que move a Náutica. O Clube conta hoje com três salas de aula, um coordenador, três estagiários e nove professores. Segundo Rodrigo Fonseca, a maioria dos treinadores são ex-campeões do Clube que “não apenas ensinam a velejar, mas formam caráter e refinam a tática, faça sol ou chuva”.

O Iate investe constantemente na qualificação dos técnicos com novos métodos de treinamento e avaliação que resultam em atletas mais bem preparados. Gustavo Raulino lembra inclusive que nas faculdades de educação física não se fala especificamente sobre vela, apesar de ser um dos esportes que mais trouxeram medalhas olímpicas para o Brasil. Por isso, o Clube tem um coordenador, Allan Godoy, que é responsável por treinar a equipe técnica.

“Nós temos aprimorado bastante a Escola de Vela, investimos em qualificação dos técnicos, em novos métodos de treinamento, em novos métodos de avaliação e isso também tem resultado em atletas mais bem preparados. Eles chegam à idade competitiva, de 15 anos para cima, muito bem preparados tecnicamente”, assegura Gustavo.

ESCOLINHA DE VELA

O terceiro motivo que coroa o Iate não poderia deixar de ser a base: a formação de atletas pela Escola de Vela do Clube, que é aberta para qualquer idade. Para a criançada, a jornada inicia por volta dos 6 anos na classe Optimist. Rodrigo explica que, no começo, o foco é o lúdico. “A criança precisa perder o medo de virar (sempre de colete), sentir o vento e ganhar confiança. É um processo gradual onde, brincando, aprendem noções de física e disciplina”, detalha. “Quando menos esperam, já estão velejando sozinhos.”

Para jovens e adultos, a porta de entrada costuma ser o dingue ou a vela de oceano. A didática mescla a teoria necessária com a prática, acompanhada de um instrutor para acelerar o aprendizado. Além disso, para começar, não é preciso ter barco próprio. A Escola fornece todo o material.

“O Iate tem uma infraestrutura grande em termos de botes de apoio, por exemplo, melhor do que qualquer outro clube do Brasil”, conta o diretor de Esportes Náuticos, Gustavo Raulino.

Nada melhor do que abrir as portas do Clube para mostrar toda essa estrutura. Em janeiro, o Iate sediou o 76º Campeonato Brasileiro de Snipe, uma das classes mais populares do país. Você pode conferir mais sobre como foi a competição na página XX. Ao longo do ano, são realizados mais de 40 eventos esportivos que trazem visibilidade para o Clube.

“Temos ótimos velejadores de Snipe e colocar esse pessoal para ‘correr’ em casa é uma vantagem. O CBC nos premia com mais recursos e mostramos para o pessoal de fora, que não conhece o Clube, a infraestrutura, a beleza e a nossa raia”, aponta Gustavo.

METODOLOGIA VIVA

A metodologia utilizada pela escola entende que a vela começa em terra. “A criança aprende cedo que o barco é uma extensão do seu corpo e uma responsabilidade sua”, pondera Rodrigo. “Não formamos apenas pessoas que sabem ‘pilotar’, formamos velejadores que entendem e respeitam o que estão fazendo.” Os pequenos aprendem a montar, checar se os cabos estão firmes e guardar o material. Essa rotina cria um senso de disciplina e cuidado que se reflete diretamente na performance dentro da água.



Não formamos apenas pessoas que sabem ‘pilotar’, formamos velejadores que entendem e respeitam o que estão fazendo.

Um velejador que entende bem dessa rotina é Uthar Veiga.

Atualmente na flotilha da vela jovem, Uthar começou sua trajetória na vela aos 6 anos de idade por influência do avô. O que mais gosta no esporte é a rotina de responsabilidades que leva para a vida. “Ela exige cuidado com o barco, organização, disciplina e também um bom controle psicológico, que são aprendizados importantes dentro e fora da água”, afirma.

Para ele, no início, o mais desafiador foi velejar em condições de vento forte. Por causa da inexperiência e também do pouco peso, ele tinha bastante dificuldade para controlar o barco. Quando entrou na Escola de Vela do Iate, sua evolução foi muito rápida.

O campeonato mais marcante de Uthar foi a Copa Brasil de Vela, em 2025, em que se consagrou campeão. “Foi um campeonato muito difícil, decidido apenas na última regata, o que tornou a conquista ainda mais especial”, disse.

Além da compreensão que o barco é uma extensão do corpo, o Iate combina os fundamentos técnicos universais da vela com o

conhecimento prático acumulado por décadas de campeões formados nas águas do Lago Paranoá. Ao invés de forçar o aluno a se encaixar em uma cartilha rígida, os técnicos têm a autonomia e a sensibilidade para ajustar a didática ao perfil de cada velejador. Se o aluno é mais analítico, a escola foca na física e na tática; se é mais intuitivo, a sensibilidade e a leitura do vento são priorizados.

“Dessa forma, a nossa 'escola' é o próprio DNA do Clube: uma mistura de rigor técnico na segurança com liberdade total no desenvolvimento do feeling do atleta. É um modelo de aprendizado contínuo, onde a teoria é validada diariamente na prática no Lago Paranoá”, acrescenta Rodrigo.

Outro ponto crucial é a transição suave entre lazer e competição. Existe um olhar pedagógico constante para saber a hora exata do velejador enfrentar uma regata. O aprendizado pela convivência coloca o iniciante no mesmo galpão dos atletas de elite e com velejadores mais experientes para que ele possa enxergar claramente aonde pode chegar.



VELA FEMININA

Uma das prioridades da vela no Iate é integrar as famílias e transformar os pais em tripulantes ativos ao lado dos filhos. Mudar o perfil das flotilhas também está nos planos, para aumentar exponencialmente a quantidade de meninas velejando. “Queremos ser o celeiro das futuras campeãs, provando que o lugar da mulher é no leme, na escora e no pódio”, destaca Rodrigo.

Por ser um esporte com mais homens, Eduarda Kopp teve dificuldade para se enturmar, mas a adrenalina de estar na água a deixou tão animada que nunca mais parou. “O fato de ser um esporte mais masculino foi algo que, naturalmente, se ‘quebrou’. Atualmente não tem tanto essa divisão, então é bem mais fácil”, conta.

Duda começou na escola de vela com 7 anos, e hoje, aos 14 anos, continua apesar das dificuldades dentro e fora da água. Nas férias, ela treina quase todos os dias, mas quando tem aula, ela se dedica à vela às quintas, às sextas e aos finais de semana.

Em 2023, participou do seu primeiro torneio na Semana de Vela do Rio de Janeiro, que trouxe muitos aprendizados. Hoje, sua maior inspiração é o técnico Gabriel Raulino. “Ele é um baita técnico e velejador. Além de tudo que ele faz e já fez por mim, o meu carinho por ele é absurdo”, destacou.

“

**Queremos ser
o celeiro das
futuras campeãs,
provando que o
lugar da mulher é
no leme, na escora
e no pódio.**



SER VISTA PARA SER CHAMADA

Bruna Patrício começou na vela aos 7 anos e hoje, aos 22, acredita que o cenário da vela feminina está melhor. “Acredito que no Optimist chegou a um bom nível, na juventude tem muitas meninas, mas no Snipe tem poucas”, disse. “As tripulações que correm campeonatos e vão para fora ainda precisam de muitas mulheres.”

Para ganhar seu espaço, Bruna acredita que é preciso se jogar. “Eu sempre fui muito amiga de todo mundo, nunca fui distante, a galera foi me conhecendo, sempre estou na água, me veem velejando e me chamam. As meninas têm que velejar bastante, se jogar e estar no ambiente”, aconselha.

Por estar sempre na água, Bruna ganhou uma grande habilidade: se adaptar a diferentes funções. Hoje, ela não veleja num barco só. Se a chamam para um campeonato em dupla ou com tripulação, a velejadora treina, se esforça e dá o seu melhor. “Aprender diferentes módulos e lidar com pessoas” foram capacidades que ela adquiriu ao longo do tempo.

Com Martine Grael e Kahena Kunze como grandes inspirações, Bruna acredita que o primeiro passo para ser uma boa velejadora é não ter medo de se envolver, principalmente com velejadores mais experientes, porque eles vão ter muito a ensinar. “O trabalho em terra é o que te leva a entrar na água e se enturmar”, finaliza.

“ O trabalho em terra é o que te leva a entrar na água e se enturmar.



1º termo aditivo ao contrato nº 159/2024

OVVI.COM.BR
E LOJAS VIVO

OVVI

ORIGINALIDADE. SEU MELHOR ACESSÓRIO.



BOB WOLFENSON

POR

FOTOGRAFADA

BENEFÍCIOS

LEVE SEU CLUBE NA MALA

Caso você esteja de malas prontas, aproveite para adicionar na lista de pontos turísticos um clube parceiro do Iate





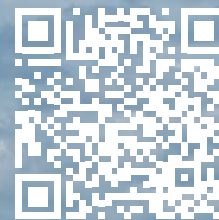


Dois mil e vinte seis promete ser um ano com muitos feriados e momentos de lazer com família e amigos. E se as malas estão prontas e o roteiro de viagem finalizado, que tal verificar se no seu destino há um clube parceiro do Iate?

Nas duas últimas edições da Revista

Farol, apresentamos dez clubes dos 36 que você pode aproveitar as instalações com a família toda. A seguir, conheça mais cinco para colocar na lista.

Para ter acesso a todos os nomes dos clubes conveniados à Confederação Nacional de Clubes (Fenaclubes), leia o QR Code:



CLUBE DOS CAIÇARAS





Frequentemente visitada por turistas, a capital carioca conta com diversas opções de clubes. Localizado em uma ilha natural de 33 mil m², na Lagoa Rodrigo de Freitas, o Clube dos Caiçaras é um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro. Além da lagoa, o Morro Dois Irmãos, a Pedra da Gávea e o Cristo Redentor completam a paisagem. “Caiçaras” é um termo de origem tupi pelo qual são conhecidos os pescadores e as populações do litoral Sudeste e Sul do Brasil.

O clube dispõe de ginásio poliesportivo, campos de futebol, quadras externas poliesportivas, quadras de areia, quadras de saibro, garagem náutica com atividades de vela e equipamentos recreativos livres (pedalinho, caiaque, stand-up), sala de ginástica e balé, sala de lutas, salas de pilates, sala de musculação e sala de spinning, além de bocha, salão de sinuca, salas de carteadado e sala de pôquer. A área mais frequentada é o Parque Aquático, com três piscinas.

Os associados ao Iate que visitarem o Caiçaras podem dispor ainda de salões de festas, espaços gastronômicos, como o restaurante Caique, o Bar da Náutica e o Bar da Piscina, além de SPAs masculino e feminino, salão de beleza, cineclube e parque infantil. Vale a pena colocar na lista!

Av. Epitácio Pessoa, s/n - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ, 22410
Telefone: (21) 2529-4800



Inaugurado em 25 de janeiro de 1956, o Yacht Club de Ilhabela é um dos maiores clubes náuticos do Brasil. O YCI reúne quase 500 associados de diversas regiões. É reconhecido por sua excelência náutica e por sediar grandes competições, como a Semana Internacional de Vela de Ilhabela, a Copa Mitsubishi, o Circuito Ilhabela de Vela Oceânica e o Rally Náutico.

A sede possui toda a estrutura para a guarda de embarcações de até mais de 100 pés, em uma marina flutuante

abastecida por água, energia elétrica, sistema de coleta e tratamento de efluentes. O YCI tem escola de vela e oferece aulas de kitesurf e wingfoil.

Além da sede principal, o clube tem duas subsedes estratégicas: Saco do Sombrio e São Sebastião. A subsede Saco do Sombrio se encontra em uma baía em meio à Mata Atlântica. Já São Sebastião serve de apoio aos associados que desejam evitar a travessia por balsa, utilizando-se para a travessia de sua

própria embarcação ou mesmo da lancha do clube.

Próximo à sede principal, o clube possui a Casa YCI Sports, um espaço voltado para a prática esportiva e momentos de lazer. O ambiente é composto por uma quadra de beach tennis e uma moderna academia.

Caso esteja com viagem marcada para Ilhabela, aproveite para conhecer o YCI ou participar de algum evento náutico!

Av. Força Expedicionária Brasileira, 299 - Barreiro,
Ilhabela - SP, 11630-000
Telefone: (12) 3896-9160
Subsede de São Sebastião

Rua Cap. Salinas, 188, Praia de São Francisco São
Sebastião, SP - CEP 11600-000
Telefone: (12) 3862-1865

YACHT CLUB DE ILHABELA



RECREIO DA JUVENTUDE





No coração da Serra Gaúcha, Caxias do Sul (RS) se destaca pela gastronomia e pelas opções de turismo, como o Museu Ambiente Casa de Pedra, a Igreja São Pelegrino, o Monumento ao Imigrante, a Catedral Diocesana e a Festa da Uva. Na lista, o Iatista pode colocar também o clube Recreio da Juventude.

Com 113 anos de história, o Recreio é um dos mais tradicionais clubes

sociais do estado. Além de amplas áreas verdes e sedes com infraestrutura diversificada, o clube oferece piscinas térmicas e externas, academia completa e pistas de corrida, quadras e campos esportivos, um Bike Park para trilhas, escolinhas e núcleos de aprendizagem para crianças e adolescentes – que inclusive inspirou o Novo Ciate e você pode conferir mais sobre o projeto na Revista nº 105 –, biblioteca,

espaços gastronômicos, parquinhos e brinquedoteca.

O visitante tem acesso a toda a estrutura, como piscina térmica, quadras e academia, mediante agendamento pelo aplicativo. O sócio recebe usuário e senha temporários para usar enquanto estiver no clube.

Endereço: R. Atílio Andreazza, 3525 - Sagrada Família, Caxias do Sul - RS, 95052-070
Telefone: (54) 3022-3500



Mais uma opção na região Sul do país é o Graciosa Country Club. Se você está com viagem marcada para Curitiba, não se esqueça de colocar o Graciosa na lista. Fundado em 14 de julho de 1927, o clube promove festas sociais e eventos esportivos.

São aproximadamente 300 mil m² de área, um campo de golfe, 15 quadras de tênis, um moderno

parque aquático e uma sede social. O Graciosa conta ainda com casa de festas, SPAs, quadras de padel, centro poliesportivo, campo de futebol society, quadras de squash e beach tennis.

Para aproveitar as facilidades do intercâmbio social, o associado ao Iate deve apresentar a Carta de Apresentação e indicar os membros da família – dependentes que

constem na ficha social e não residam na cidade do clube visitado. Após esse procedimento, será emitido um cartão de frequência.

O cartão é válido por até 30 dias, de forma contínua ou alternada, e pode ser renovado somente após o período de 12 meses.

Endereço: Av. Munhoz da Rocha, 1146 - Cabral, Curitiba - PR, 80035-000
Telefone: (41) 3015-5005

GRACIOSA COUNTRY CLUB



JANGADEIROS





Além do clube Veleiros do Sul e do Iate Clube Guaíba, o empresário e desportista Leopoldo Geyer também fundou o Clube dos Jangadeiros. Até então a prática da vela se limitava à zona norte de Porto Alegre e, por isso, Leopoldo quis levar também o esporte para a zona sul.

O clube se divide entre uma sede no continente e uma ilha artificial no Lago Guaíba. A ilha foi construída a

partir da década de 1960 e oferece infraestrutura de lazer, enquanto a sede continental oferece serviços e eventos. Os associados ao Iate têm o direito de usufruir os serviços no prazo máximo de 30 dias por ano.

No continente, o Clube dos Jangadeiros dispõe de uma quadra de tênis e dois salões: Espaço Jangadeiros (comporta até 50 pessoas) e o Espaço Gourmet 60. Já na

ilha, há campo de futebol, piscina, playground para crianças, quadras de areia, churrasqueiras, restaurante e o porto, que comporta embarcações de oceano, lanchas e monotipos. São quatro trapiches com capacidade para 188 embarcações de oceano; dois pavilhões cobertos com capacidade para 48 lanchas; e área estacionamento descoberto com capacidade para 50 lanchas infláveis.

Endereço: R. Ernesto Paiva, 139 - Tristeza, Porto Alegre - RS, 91900-200
Telefone: (51) 3268-0080

FESTA JUNINA DO IATE

Salve esta data!

10 a 13
de Junho



DIRETORES E DIRETORIAS

DO CUIDADO NO CONSULTÓRIO PARA O CUIDADO COM OS ASSOCIADOS

Sócio apaixonado pela cidade e pelo Iate, diretor médico concilia rotina intensa de cirurgias com a missão voluntária de cuidar da saúde e do bem-estar dos Iatistas



Brasiliense de sobrenome e de local de nascimento, o Dr. Humberto construiu toda a trajetória na capital federal. Formado em Medicina pela Universidade de Brasília (UnB), especializou-se em cirurgia geral e cirurgia plástica e, desde então, mantém uma rotina intensa entre centro cirúrgico e consultório. Ainda assim, durante a gestão do Comodoro Luiz André Almeida Reis encontrou tempo e aceitou o convite para assumir a Diretoria Médica do Clube.

Pai de quatro filhos, um de 18 anos, uma filha de 16, outro de 12 e a caçula de 6 anos, Humberto tem no Iate uma extensão da própria casa. A decisão de se tornar sócio veio em um momento especial da família. Ele relembra com carinho o primeiro dia no Clube, quando os filhos ainda pequenos brincavam na piscina. “O espaço é fantástico para crianças. Levei eles para a piscina da baleia. Eles estavam de férias e tenho uma lembrança muito boa”, recorda. Desde então, o espaço passou a fazer parte da rotina familiar.

O convite para integrar a diretoria foi recebido como uma honra. Para o médico, contribuir com a gestão é uma forma de retribuir tudo o que o Clube representa para a sua família. Mesmo com a agenda cheia de cirurgias todas as manhãs, aos sábados e atendimentos até a noite, Dr. Humberto organiza o tempo para cumprir as responsabilidades da Diretoria Médica. “Conciliar as agendas é um desafio, exige que a gente cumpra os horários, mas dá certo”, afirma.



“

Conciliar as agendas é um desafio, exige que a gente cumpra os horários, mas dá certo.”



Quando você participa das atividades, percebe os desafios de gestão, as dificuldades de organizar tudo e de tentar agradar a todos. Mas o objetivo é esse: agradar o sócio.”

DIA A DIA DA DIRETORIA

Na Diretoria Médica, Dr. Humberto coordena a equipe de enfermagem e auxiliares responsáveis pelo atendimento aos associados, especialmente na área das piscinas. O setor realiza exames médicos para a liberação de uso, presta suporte em casos de pequenos acidentes – como cortes, quedas ou reações alérgicas – e atua em situações de emergência.

Nos casos mais graves, o Clube conta com serviço de UTI móvel para encaminhamento adequado. Além da rotina de atendimentos, o diretor tem investido em inovação. Uma das novidades que será implementada é o uso da telemedicina para a realização de exames físicos necessários à liberação para uso das piscinas. Por meio de um aplicativo, o associado poderá realizar o procedimento de casa, com mais comodidade e flexibilidade de horário.

A iniciativa busca reduzir a sobrecarga do atendimento presencial e ampliar o acesso ao serviço. Segundo ele, o projeto vai “facilitar a vida do sócio para que o processo seja feito no lugar que achar mais confortável, sem necessariamente estar no Clube, e em horários que tecnicamente não haveria médico disponível”.

ACESSO À INFORMAÇÃO

Outra frente importante da Diretoria Médica é a promoção de eventos voltados à saúde. Anualmente, o Clube organiza a Semana da Saúde, evento que reúne sócios e médicos para debater temas como medicina esportiva, estética e estratégias de emagrecimento.

A proposta da gestão é fortalecer ainda mais essas ações e criar oportunidades para que os associados possam se

atualizar, tirar dúvidas e se aproximar de profissionais da área. “Optei por convidar como palestrantes apenas sócios do Clube para que as pessoas se conheçam. Foram edições muito ricas”, destaca. “Informação também é cuidado.”

VIDA ATIVA DENTRO E FORA DO CONSULTÓRIO

Fora da rotina hospitalar, Dr. Humberto valoriza a atividade física, o tempo de qualidade com a família, a leitura e a constante atualização profissional, com participação em congressos e estudos. Um livro que leu recentemente e recomenda é “Moby Dick”, um clássico da literatura.

No Clube, frequenta a academia, enquanto a esposa e os filhos aproveitam as quadras de tênis e as escolinhas esportivas. Para ele, estar no Conselho Diretor tem sido um aprendizado para conhecer mais os bastidores e manter-se aberto aos elogios e às sugestões dos associados. “Quando você participa das atividades, percebe os desafios de gestão, as dificuldades de organizar tudo e de tentar agradar a todos. Mas o objetivo é esse: agradar o sócio”, assegura.

Admirador da gestão do Iate desde antes de fazer parte dela, o diretor ressalta o cuidado constante com a estrutura física, as reformas e a manutenção dos espaços. Para ele, a boa administração e o trabalho conjunto do Conselho Diretor são os diferenciais que se refletem na vida do Clube.

“As pessoas estão muito empenhadas. Uma coisa que sempre me chamou atenção, antes de fazer parte da diretoria, é como o Clube é bem administrado. Temos reformas sendo feitas no Clube inteiro, melhora dos espaços físicos e cuidados com a parte da jardinagem”, acrescenta.

ELAS EM QUADRA

No mês da mulher, conheça histórias de coragem e protagonismo de sócias que transformam a rotina por meio do esporte

Elas entraram em quadra e pegaram a bola ou a raquete por motivos diferentes. Seja por saúde, seja por incentivo da família, curiosidade ou desafio pessoal, as sócias Marcia Arruda, Maria Maia, Cristiane e Alice Perutz, e Neila Sousa encontraram no esporte algo em comum: força, pertencimento e voz.

Em comemoração ao mês da mulher, conheça as trajetórias dessas mulheres e meninas que, com muita coragem, se dispuseram a colocar o corpo em movimento.

COINCIDÊNCIAS DA VIDA

Mais de 30 anos separam a Marcia Arruda adolescente, que fazia vôlei de quadra na escola, da sua versão adulta, que escolheu o vôlei de praia como vocação. Ela voltou a praticar esportes na pandemia e, em 2021, quando morava no Maranhão, começou a jogar vôlei em quadras de areia. “Nunca imaginei que aos 46 anos eu estaria praticando esportes”, confessa.

Ela não tem medo de perder, gosta de se colocar à prova e ir para campeonatos mesmo sem estar preparada. Em quadra, sua maior qualidade é ser parceira e “elevar a moral da dupla, porque quando elevamos a moral, o desempenho é melhor”.

A sócia sempre buscou estar ativa e fazer alguma atividade física. Para ela, o esporte é terapêutico e o maior desafio do vôlei de praia é o condicionamento. No começo, Marcia confessa que foi cansativo, mas aos poucos foi pegando o ritmo. Depois de cinco anos jogando, acredita estar “um pouco mais condicionada”.

Uma das coincidências mais felizes para Marcia foi encontrar seu primeiro treinador no Iate. “O Kelisson, ‘Kekeu’, agora está dando aula no Iate, junto com o Leo. Ele desafia bastante, é bem exigente”, pontua. “Essa turma que estou abriu no ano passado e foi algo maravilhoso porque é um nível muito bom e os treinos são ótimos.”

GARRA E RAÇA

Se tem uma coisa que as mulheres no vôlei de praia possuem que motiva Marcia a encarar qualquer desafio é a garra e a raça. A sócia tem Ágatha Bednarczuk e Rebecca Silva como grandes referências pela habilidade e personalidade, mas em casa, quem acabou se tornando uma referência foi ela própria.

“O esporte também tem esse papel na minha vida de incentivar meus filhos a se dedicarem e se envolverem. Tenho duas meninas, elas me veem jogando e se apaixonam”, conta. “É muito legal ser uma mulher no esporte e poder ser referência para os nossos filhos e filhas.”



É muito legal ser uma mulher no esporte e poder ser referência para os nossos filhos e filhas.”





DAS QUADRAS PARA A MESA

Neila Maria de Queiroz Sousa sempre gostou de esportes, mas começou a jogar tênis na fase adulta. Depois de 20 anos, teve uma lesão no ombro que a obrigou a dar uma pausa. Antes da pandemia, descobriu o tênis de mesa e foi paixão à primeira vista. “Não prejudicava meu ombro. Logo me apaixonei pelo esporte”, conta.

Assim que o Clube retornou as atividades após o isolamento, ela voltou a treinar com a professora Luciana Coutinho. Neila diz que Luciana foi uma grande incentivadora, pois, no começo, o tênis de mesa exigiu muito esforço e paciência da jogadora.

No circuito profissional, uma grande inspiração da atleta é Hugo Calderano, por ter mostrado “que se pode chegar onde ninguém acreditava ser possível”. O campeão da Copa do Mundo de Tênis de Mesa é o atual segundo colocado do ranking mundial. Ele é o primeiro atleta fora do eixo Ásia-Europa a atingir a marca.

Neila comenta que se pudesse jogaria todos os dias. Hoje divide sua rotina com treinos três vezes na semana. Nos outros, sempre que pode, “bate uma bolinha” com alguém. A parte boa do tênis de mesa, em comparação com outros esportes, segundo ela, é que “faça chuva ou faça sol, nada atrapalha uma partida”.

Para se desafiar, a mesatenista gosta de participar de campeonatos. “O torneio mais marcante foi um em que ganhei o primeiro lugar na categoria feminino e o primeiro na categoria 70+”, recorda.

Ela reconhece que o caminho nem sempre é simples. “Ser mulher nesse tipo de esporte não é muito fácil, porque ele é mais dominado por homens. Em algumas competições não há muitas adversárias, o que acaba prejudicando a divisão por nível”, explica.

Ainda assim, Neila não se deixa intimidar e transformou o desafio em motivação para evoluir tecnicamente e fortalecer sua presença nas competições. Todos os resultados refletem seu ponto forte como jogadora: a persistência. “Não desisto fácil de nada. Ganhando ou perdendo continuo persistindo”, revela.

“

**Não desisto fácil de nada.
Ganhando ou perdendo
continuo persistindo.”**

ÚNICA MENINA NO JOGO

Em um campo com 22 jogadores de futebol, um deles é uma menina. Sempre jogou com um time 100% masculino e encara o desafio com naturalidade. Essa é Maria dos Santos Maia, de 9 anos, que começou no futebol aos 4 anos de idade pelo exemplo em casa. O pai nada, a mãe joga tênis e o irmão mais velho joga futebol e vôlei no Clube.

Na escolinha do Iate, aprendeu tudo o que sabe: defender, fazer gol e passar a bola. Mas para ela ainda falta a tão sonhada finalização de bicicleta. Maria costuma jogar como lateral esquerda e, às vezes, atua como zagueira.

Além do futebol, o que mais gosta são as amizades que constrói no Clube. Com folga apenas na sexta e no domingo, Maria vive uma rotina intensa: “Do colégio eu já quero vir direto para o campo. Eu fico feliz quando estou jogando”.

Maria está sempre com a bola no pé, independente se vai treinar, competir em um campeonato ou dar a primeira entrevista, o que lhe rendeu a fama de “fominha”. Porém o talento também é reconhecido. Durante um torneio do Ciate no ano passado, além de vencer com o time, ela recebeu o prêmio de jogadora destaque pelo desempenho em campo.

A jovem jogadora não gosta de perder, assim como qualquer atleta que entra em quadra, mas sabe melhor que muita “gente grande” como encarar as derrotas: ficar triste, aprender com os erros, mas não desanimar. “Eu fico triste quando perco, mas não choro”, revela.

Apesar de também fazer a escolinha de futsal, Maria se garante no campo. “Eu prefiro o futebol de campo, porque é ao ar livre, a bola é maior e mais leve”, explica. Ela não se intimida com o time de meninos e não desanima. Muito pelo contrário, faz um chamado para as meninas entrarem no time: “Eu quero que tenha mais meninas jogando”.





EFEITO MANADA

Também com um exemplo em casa a seguir, Alice Perutz, de 11 anos, fez do squash sua maior paixão. Ela viu a mãe jogar e quis experimentar. Quando começou, o esporte se tornou sua "obsessão".

Com um mês de aula, Alice participou de um campeonato interno no Clube e faturou o segundo lugar. Em outro jogo, mesmo perdendo, a situação também deu motivação para a jovem atleta melhorar. "Eu errei muito um tipo de bola e treinei muito a técnica para melhorar e passar a acertar", relata.

A mãe Cristiane Perutz brinca que nem consegue jogar em pé de igualdade com a filha, pois ela evoluiu muito. "Ela joga comigo, mas me dá 'um banho'. Eu tento, mas o problema é que o nível dela está muito alto. Para jogar comigo, ela tem que jogar

mais devagarzinho. Mas gosto de jogar com ela, com meu marido e até minha filha mais velha já veio bater bola também", conta Cristiane. "O squash uniu a nossa família."

Aos 51 anos, Cristiane começou a jogar em busca do emagrecimento, pelo esporte ter alta queima calórica, mas ficou motivada a continuar pelo jogo, pela exigência de raciocínio rápido, pela alta concentração e pelas risadas entre família e amigos.

Hoje, o squash, mais do que movimento, se tornou um meio para trazer aqueles que Cristiane mais ama para a quadra. Ela atraiu a filha, o marido e a amiga Mariani Silveira, que nunca fez nenhuma atividade física e ficou viciada na modalidade.

Segundo Cristiane, existem poucas mulheres no esporte, o que dificulta encontrar adversárias na mesma faixa etária ou categoria, assim como no

tênis de mesa, mas afirma sentir muito orgulho de poder estar nesse meio. "Às vezes é difícil, então nos orgulhamos muito de poder estar participando e encarando cada treino", destaca.

Para fortalecer a presença feminina na modalidade, a vice-diretora de squash, Sílvia Frabetti, implementou mais uma vez uma escolinha para mulheres. "A ideia surgiu com o objetivo de incentivar a participação feminina no esporte, criando um ambiente acolhedor e motivador. Queremos oferecer oportunidades para que mais mulheres descubram os benefícios da prática esportiva, promovendo saúde, integração e empoderamento por meio do esporte", afirma.

Para ela, estar em quadra é uma forma de empoderar: "Ser mulher no esporte é desafiar limites, inspirar outras mulheres e provar que força e sensibilidade caminham juntas".


“

Ser mulher no esporte é desafiar limites, inspirar outras mulheres e provar que força e sensibilidade caminham juntas.”



ESPELHO DA CIDADE

Desde sua fundação há 66 anos, o Iate Clube marcou a história de Brasília como espaço de sociabilidade, lazer e memórias afetivas. Mas como a cidade o enxergou e ainda o vê?



Quem passa pelo Setor de Clubes Esportivos Norte, vê a placa do Iate Clube de Brasília ou participa de um evento no local percebe que a agremiação é um importante ponto de encontro. Ali, gerações se cruzam e reúnem sócios, visitantes, pioneiros e migrantes que escolheram Brasília como morada. Nas colunas, reportagens, matérias e fotografias jornalísticas, os enquadramentos são inúmeros e contam diversas histórias. Essas narrativas retratam o Clube como uma vitrine do estilo de vida, da tradição, do esporte e da criação de memórias afetivas.

Antes mesmo da inauguração de Brasília, o Iate já estava pronto. O publicitário e pesquisador da história da cidade, João Carlos Amador, destaca que o Clube ajudou a construir um sentimento de pertencimento e identidade na capital. “Em uma cidade formada por migrantes de todas as regiões do país, espaços como o Iate funcionaram como pontos de ancoragem simbólica”, explica. “Ali se criavam memórias, tradições, eventos sociais e esportivos que ajudavam a transformar Brasília em ‘casa’, não apenas em local de trabalho.”

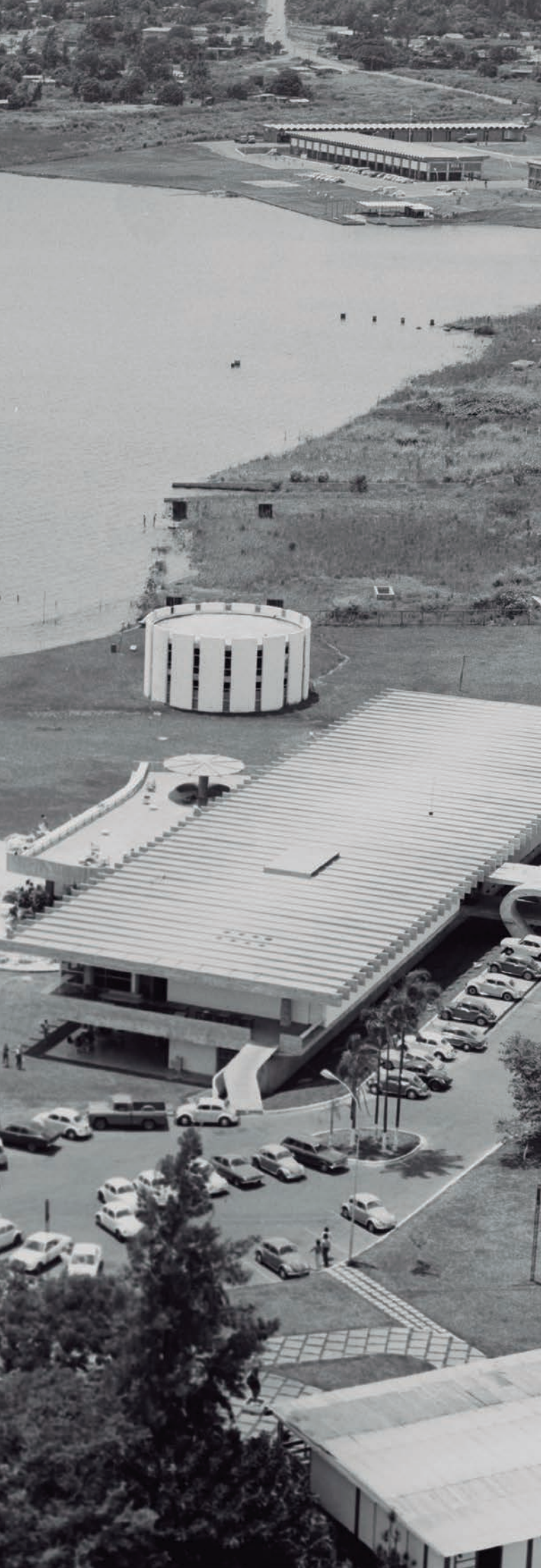
Foi em busca desse sentimento e da oportunidade de criar novos

amigos que o carioca Miguel Jabour passou a frequentar o Clube nos anos 1960. Segundo o colonista social do Correio Braziliense, alguns lugares entram na vida das pessoas e permanecem até o fim, como é o caso do Clube.

“Frequento o Iate desde a década de 1960, quando vinha passar as férias na cidade. A primeira imagem impactante de Brasília veio ao entrar no Iate e ver aquele horizonte aberto de frente para o Lago Paranoá”, lembra. “Sempre achei que a melhor forma de fazer novas amizades em uma cidade seria a de frequentar o melhor clube social dela.”

“

Em uma cidade formada por migrantes de todas as regiões do país, espaços como o Iate funcionaram como pontos de ancoragem simbólica.”



ELEMENTO AGREGADOR

Nos primeiros anos da criação de Brasília, não havia muitas opções de lazer. Os encontros ocorriam nas residências, nas igrejas e nos poucos estabelecimentos sociais que surgiam, como o Iate. Os clubes, segundo João Amador, tiveram papel central porque reuniam lazer, esporte e convivência social em um contexto em que a cidade ainda se consolidava.

“Um clube como o Iate já havia sido imaginado por Lúcio Costa ainda durante a construção da cidade, um lugar agradável para reunir as famílias recém-chegadas à capital. Seria uma espécie de porto seguro para o lazer em uma cidade ainda em obras”, resgata.

Elias Manoel da Silva, coordenador de Arquivo Permanente do Arquivo Público de Brasília, pontua que muitas cidades nascem com vida social pré-existente. Brasília não tinha vida social, por isso um clube já projetado tem como missão dar vida à cidade.

“O clube social, na vida de Brasília, nasce com a capacidade de criar sociabilidade para uma cidade que não tem identidade. Brasília não nasce com equipamentos de lazer. Você não tinha restaurante ou boate. Não tinha nada para fazer”, afirma. “Então o clube era esse elemento de agregar a sociedade e de estar junto.”

João Amador ressalta ainda que Brasília foi projetada como capital moderna, planejada, voltada para o futuro, mas a vida social não nasce apenas do traçado das superquadras. Nesse sentido, os espaços de convivência e lazer são fundamentais para criar vínculos afetivos e identidade coletiva, pois “dão alma ao planejamento urbano”. “Sem esses lugares, a cidade correria o risco de ser apenas funcional e não vivida”, reitera.

O Iate é visto ainda como “parte do projeto simbólico de Brasília”. À beira do Lago Paranoá, a agremiação uniu a valorização da paisagem, o esporte náutico e a convivência ao ar livre: elementos presentes no imaginário da nova capital.

“

O Iate estabeleceu um ‘modo de viver’ que permanece até hoje, mesmo com tantas mudanças no mundo.”

ELITE BRASILIENSE

O modernismo que acompanhou a criação de Brasília não era só na arquitetura. O modo de viver também tinha essa proposta: mais coletiva e integrada à paisagem. O Iate cresceu carregando o estilo de vida brasiliense.

Desde o início, era percebido como ponto de encontro também de personalidades políticas, como o próprio Juscelino Kubitschek e outros chefes de Estado que vieram depois. O Clube recebeu a chegada de JK com a lancha Gilda, viu presidentes entregarem medalhas para velejadores, foi palco de shows de Elis Regina, Roberto Carlos, Fafá de Belém e Alcione nos primeiros anos e recentemente também recebeu Alceu Valença, Durval Lelys, Skank e Jota Quest. Todas as atrações, as visitas, os shows e as competições evoluíram com a cidade.

“Ao longo das décadas, o Iate passou de símbolo quase exclusivo da elite fundadora para uma instituição tradicional da cidade. Brasília cresceu, diversificou-se socialmente e culturalmente, e o Clube também precisou se adaptar a novas demandas, gerações e formas de lazer”, pondera João Amador. “O Iate estabeleceu um ‘modo de viver’ que permanece até hoje, mesmo com tantas mudanças no mundo.”

Há 35 anos escrevendo colunas sociais, a jornalista Lia Dinorah opina que Brasília sempre enxergou o Iate Clube como “muito mais do que um espaço de elite e lazer”. Sob o olhar da imprensa, o Clube não era somente agenda de fim de semana, apesar de várias festas como o Carnaval fazerem sucesso na cidade que estava ainda criando uma vida social.

Para Lia, o Iate sempre representou um termômetro de elegância, convivência e pertencimento. Deixou de ser apenas cenário de posses, bailes, torneios esportivos, comemorações familiares e encontros políticos para ser protagonista.

“Ao longo das décadas, o Iate foi retratado como vitrine do estilo de vida à beira do Lago Paranoá, mas também como espaço de tradição, esporte e formação de vínculos duradouros. Antes o foco da cobertura estava na formalidade dos eventos e nos registros protocolares, hoje a imprensa privilegia também histórias, bastidores e o capital humano que o constrói diariamente”, destaca. “O Iate deixou de ser apenas cenário para se tornar personagem.”

“

O Iate deixou de ser apenas cenário para se tornar personagem.”





IATE É PONTO DE RETORNO

Atualmente, com a maior diversificação das opções de espaços de lazer e convivência em Brasília, os clubes são um marco histórico e reforçaram o simbolismo do pertencimento e um estilo de vida construído ao longo de 66 anos. Quando se pensa no Iate, as palavras tradição, permanência, pioneirismo e lazer vêm à mente dos brasilienses, segundo Amador.

“Brasília tende a enxergar o Iate como uma instituição tradicional, parte da memória da cidade. Para muitos, ele representa a Brasília pioneira; para outros, é um espaço de lazer consolidado. Sua imagem mistura tradição, história e permanência”, reforça o pesquisador.

O Clube nasceu com a cidade e aprendeu a criar os espaços de sociabilidade que Brasília precisava. Dos fundadores que definiram o lugar de construção ao nascimento de eventos tradicionais como Festa Junina, Iate in Concert, Réveillon e atividades como a Colônia de Férias, o Iate segue sendo um espaço vivo e que conta a história da cidade.

Para Miguel Jabour, que frequenta os eventos sociais abertos ao público sempre que pode, o Clube “está mais bonito do que nunca”, com serviços profissionais e um ambiente de confraternização entre associados.

“Frequentar o Iate Clube de Brasília, ao longo de tantas décadas, é acompanhar a própria cidade no seu amadurecimento. É perceber que, enquanto tudo muda, alguns lugares seguem sendo pontos de referência para o retorno”, finaliza Jabour.



42,195 KM DE CORAGEM E SUPERACÃO PESSOAL

Atletas do Clube de Corrida contam como é correr longas distâncias e poder dizer: "eu sou maratonista"

Percorrer 42 km correndo exige mais do que preparo físico e alimentação adequada. É entender que não existe pressa, ritmo certo ou regra universal para se desafiar. No Clube de Corrida do Iate diversos corredores já ultrapassaram a linha de chegada dos 42,195 km. Ao longo do percurso, passa um filme na cabeça: das pessoas que foram essenciais no processo de preparação, dos dias de dor, da felicidade ou do sacrifício para acordar às 5h e enfrentar um "longão".

Quem chegou até ali teve uma grande rede de apoio e a preparação do Clube de Corrida do Iate. Hoje com 84 inscritos, diversos atletas amadores têm uma grande medalha em casa e o orgulho de dizer "eu sou maratonista".



Aos 63 anos, o vice-diretor do Clube, Washington Luiz da Silva, tem em casa milhares de medalhas e troféus das provas que correu. “Maratonas foram umas dez, mas meia maratona e provas de curta distância já perdi as contas de quantas corri”, conta.

A primeira prova de Washington foi a Maratona de Nova Iorque, em 2013. De tanto que amou o percurso e a energia, ele já correu três vezes. “É uma prova de subida, mas não tem nenhum percurso igual para mim como Nova Iorque”, afirma. “É indiscutível.”

Das sete provas mais importantes e populares no mundo, as famosas majors, Washington já correu Nova Iorque, Chicago e Boston. Para essas provas, a concorrência é enorme e as inscrições funcionam por índice de corrida, sorteio, agência de turismo ou doação a instituições de caridade.

CALENDÁRIO DAS MAJORS EM 2026

Tóquio (1º/3)
Boston (20/4)
Londres (26/4)
Sydney (30/8)
Berlim (27/9)
Chicago (11/10)
Nova Iorque (1º/11)





O DIA DA MARATONA É O MAIS FÁCIL

O treinador do Clube de Corrida, Raimundo Nonato, tem diversas provas e índices na bagagem. Em 2006, Raimundo cruzou a linha de chegada da Maratona de Porto Alegre em 2h21m19s. Ainda hoje lembra “como a palma da mão” como foi a preparação.

Naquela época, o maior desafio era a falta de informação e a pouca quantidade de técnicos. Hoje com a popularização das provas de rua, a maratona é muito mais divulgada e as pessoas entendem melhor o que é um tempo de prova. No Clube de Corrida, por exemplo, cada pessoa recebe uma planilha de treino personalizada, de acordo com o objetivo. Naquela época, Raimundo teve que correr atrás de um professor de outro estado para se preparar.

“Para mim, foram três meses de dedicação exclusiva ao desafio. Eu já tinha feito meia maratona, mas a

estreia nos 42 quilômetros veio em 2006. Curiosamente, o dia da prova foi a parte mais fácil, já o mais duro foi o treinamento. Houve momentos em que eu me questionava se realmente deveria estar fazendo aquilo. Era outro nível de cansaço, de concentração, completamente diferente. Eu treinava forte, mas quando comecei a preparação específica, percebi que era outro nível”, relembra.

Ao cursar educação física, ele pôde perceber o outro lado da maratona. O prazer em competir deu lugar à emoção em ver uma pessoa evoluir no esporte. “Ali comecei a entender que eu poderia ajudar bastante nessa parte”, pontua.

O professor reforça que o maior obstáculo do corredor é o ciclo: os três meses de preparação que a pessoa tem que acordar cedo, fazer sacrifícios, ser a própria motivação, mudar a rotina

e correr grandes percursos. Por isso, a prova não é para qualquer atleta. Segundo ele, todo corredor que tem vontade e dedicação corre uma meia maratona, mas os 42,195km não são tão simples.

“Por exemplo, se uma pessoa entra no trabalho 7h, ela vai ter que acordar 3h para treinar sozinha. É uma mudança geral”, descreve. “Ela vai viver, vai comer e vai respirar maratona sendo um amador vivendo uma vida de profissional.”

Ao final, vem o alívio, a medalha e a concretização do objetivo lapidado durante os meses, mas também a mudança de mentalidade. Para Raimundo, a maratona muda a pessoa: “Ela vai enxergar a vida de uma forma diferente, o jeito de ver a necessidade de outra pessoa, vai ficar mais sensível e vai passar a sentir na pele toda a dificuldade”.

A HISTÓRIA POR TRÁS DOS 2,195 KM

Na Grécia Antiga, no ano de 490 a.C., o mensageiro grego Fidípides teria percorrido cerca de 40 km da planície de Maratona até Atenas. Após a vitória grega sobre o exército persa, Fidípides correu sem parar para levar a notícia aos cidadãos atenienses.

Inspirados pela lenda de Fidípides, em 1896, os organizadores dos Jogos Olímpicos incluíram a maratona para honrar o antigo heroísmo grego. Spiridon Louis, um pastor grego, foi o vencedor.

A distância foi ajustada para 42,195 km durante os Jogos Olímpicos de Londres em 1908. A Rainha Alexandra queria que a corrida começasse no Palácio de Windsor e terminasse em frente à tribuna real no Estádio Olímpico, o que resultou na distância exata de 42,195 km. Porém o percurso só foi oficialmente padronizado pela Federação Internacional de Atletismo em 1921.

“A maratona tem um simbolismo e é o auge da Olimpíada. É o esporte mais falado e é onde as pessoas conseguem ver o atleta. A pessoa não precisa pagar para assistir a modalidade”, comenta o treinador do Clube de Corrida, Raimundo Nonato.





UM LIVRO E UM SONHO

Um dos membros do Clube de Corrida que já passou por essa experiência é Alexandre Pedrosa Pinheiro. Em 2011, o sócio cruzou a linha de chegada da Maratona de Berlim em 4h23. Depois de dois anos correndo em uma frequência de três vezes na semana, sem suporte de profissional e apenas seguindo as orientações de um livro, ele quis se desafiar e deixar as provas de curta distância de lado.

A iniciativa de colocar um tênis no pé e começar a correr veio depois de conferir o resultado de um exame. “Fiz um exame médico e deu um problema de colesterol um pouco elevado. Eu pesquisei e vi que o esporte aeróbico era interessante. Eu cheguei a tomar estatina que é o remédio para abaixar o colesterol, mas tive uma reação, então resolvi usar a corrida como remédio”, revela.



Resolvi usar a corrida como remédio.”

Alexandre ingressou no Clube de Corrida do Iate em 2016. A última maratona que correu foi em Londres, em 2023. Em cinco anos viu uma grande diferença: a preparação correta. “Eu estava mais treinado, com treinos específicos de corrida e correndo um volume maior. Inclusive eu fiz um tempo melhor, por volta de 3h30”, disse.

Entre Berlim e Londres, os objetivos

foram reduzir o tempo e correr as majors. Alexandre também fez as provas de Chicago, Boston, Nova Iorque, além de Amsterdã, Buenos Aires e Valência, seu melhor tempo até então, em 3h23.

A prova que mais gostou de correr foi a de Chicago. A preparação inclusive foi feita com o atual treinador do Clube de Corrida, Raimundo Nonato, com treinos de longas distâncias e

tiros para aumentar a velocidade e na academia para fortalecimento.

Em Chicago, cruzou a linha de chegada em 3h30, e, segundo Alexandre, o frio também colaborou. “Lá estava bem frio e esse clima não me incomoda muito, acho que até me ajuda. Fiz um tempo bom e não cheguei tão desgastado”, conta.

DICIONÁRIO DO CORREDOR

Longão

Treino longo da semana, geralmente feito nos finais de semana.

RP

Recorde pessoal: o melhor tempo feito pelo corredor em uma determinada distância.

Tiro

Corrida curta e intensa, usada em treinos de velocidade.

Pace

Ritmo de corrida, ou seja, o tempo que o corredor leva para completar 1 km.

Ciclo

Plano de treino estruturado para correr determinada distância.

Rodagem

Corrida leve e contínua, usada para soltar as pernas ou acumular volume.

Fartlek

Treino com variações de ritmo, como alternar entre correr forte e fraco.

SABER A HORA DE IR DEVAGAR

O que começou por uma questão de saúde, continuou por puro vício. Endorfina, dopamina e serotonina passaram a ser as melhores amigas de Alexandre. Este ano, ele estava inscrito na Maratona de Roterdã, mas preferiu desistir porque teve

uma lesão na posterior da coxa no final de 2025.

“Acho que o tempo de preparação vai ser curto. Não quero ir só para completar, quero ir bem”, desabafa. Em julho, ele provavelmente vai tentar metade do percurso nos 21 km em Porto Alegre.

Voltando de uma lesão, Alexandre pode dizer com certeza que a melhor dica para quem corre ou quer começar é ter coragem, mas não ter pressa.

As pessoas não devem “sair achando que correm porque já corriam quando crianças”. O conselho é andar e depois tentar correr com um pé na frente do outro.

“Naturalmente, você vai evoluindo e o seu corpo vai se adaptando. Todo mundo que começa muito rápido tende a ter uma lesão e interrompe algo que era para ser agradável”, aconselha. “Vamos correr devagarinho porque começar é o primeiro passo.”



Vamos correr devagarinho
porque começar é o
primeiro passo.”



Cada passo tem valor porque só cada um de nós conhece os próprios desafios e os ciclos que precisamos enfrentar para seguir adiante.

O CLUBE DE CORRIDA É A JOIA DO IATE

“A consistência em fazer um esporte me dava uma disciplina e uma resiliência que transbordava para outras áreas da vida de forma transformadora.” Por isso, quando começou a correr aos 37 anos, Livia Viana não parou mais. Tudo começou quando ainda morava em Washington (EUA) e uma amiga a convidou para correr uma prova. Depois da experiência, fez um desafio de correr entre 4 e 5 km por 100 dias.

Quando voltou ao Brasil, há três anos, fez uma prova de 10 km do Banco do Brasil e se surpreendeu com o terceiro lugar geral, pois não tinha consciência dos referenciais de velocidade. Correu outras provas, e o ritmo de treino fez com que ela fosse além e tentasse os 42,195 km, em julho do ano passado, na emblemática Maratona do Rio de Janeiro, com outros integrantes do Clube de Corrida.

Além de cruzar a linha de chegada em 3h30min, Livia ficou entre os 3% de mulheres mais rápidas da prova. Pelo índice, ela conta que poderia inclusive se inscrever para Boston, uma das majors que exige um bom tempo de corrida para a inscrição. Ela não tem pressa, mas conta que deve se inscrever em uma outra maratona no futuro próximo.

“Nos últimos 5 km, eu vinha em um ritmo de 5min10s por km. Até então,

havia aquele medo constante. ‘Se eu acelerar, vou quebrar, não vou completar.’ Essa noção me acompanhou de forma persistente até o km 37, quando reconheci meus limites e, ao mesmo tempo, minhas capacidades. Pensei: ‘Nunca fiz 42 km, mas 5 km, minha prova forte, sim. Zerei a contagem e corri os últimos quilômetros como se tivesse acabado de começar. Passei de 5min10s para cerca de 4min30s por quilômetro, no último fiz em 4min10s”, detalha. “Cruzei a linha de chegada inteira, consciente e muito feliz.”

A preparação de Livia foi feita em seis semanas com o acompanhamento, orientação e apoio do Clube de Corrida. A mãe deu a inscrição de presente, e a sócia teve o apoio do marido em casa para dar conta e ainda cuidar dos três filhos. “Para mim esse ciclo mais curto foi o viável considerando minhas demais atribuições”, avalia. “Não é o ideal, mas possível.”

Livia observa que fazer uma maratona é grandioso sim, mas que todas as distâncias têm um enorme valor. “Fazer uma meia maratona é uma grande conquista, assim como correr 10 km, 5 km ou até caminhar 100 metros. Cada passo tem valor porque só cada um de nós conhece os próprios desafios e os ciclos que precisamos enfrentar para seguir adiante. Esse processo gera autoconhecimento e transformação e isso, por si só, já tem um enorme valor”, destaca.

Participante do Clube de Corrida desde que voltou para o Brasil, Livia acredita que o grupo “é uma joia” que poucos associados têm a consciência de que promove o esporte de forma democrática, transformadora e com

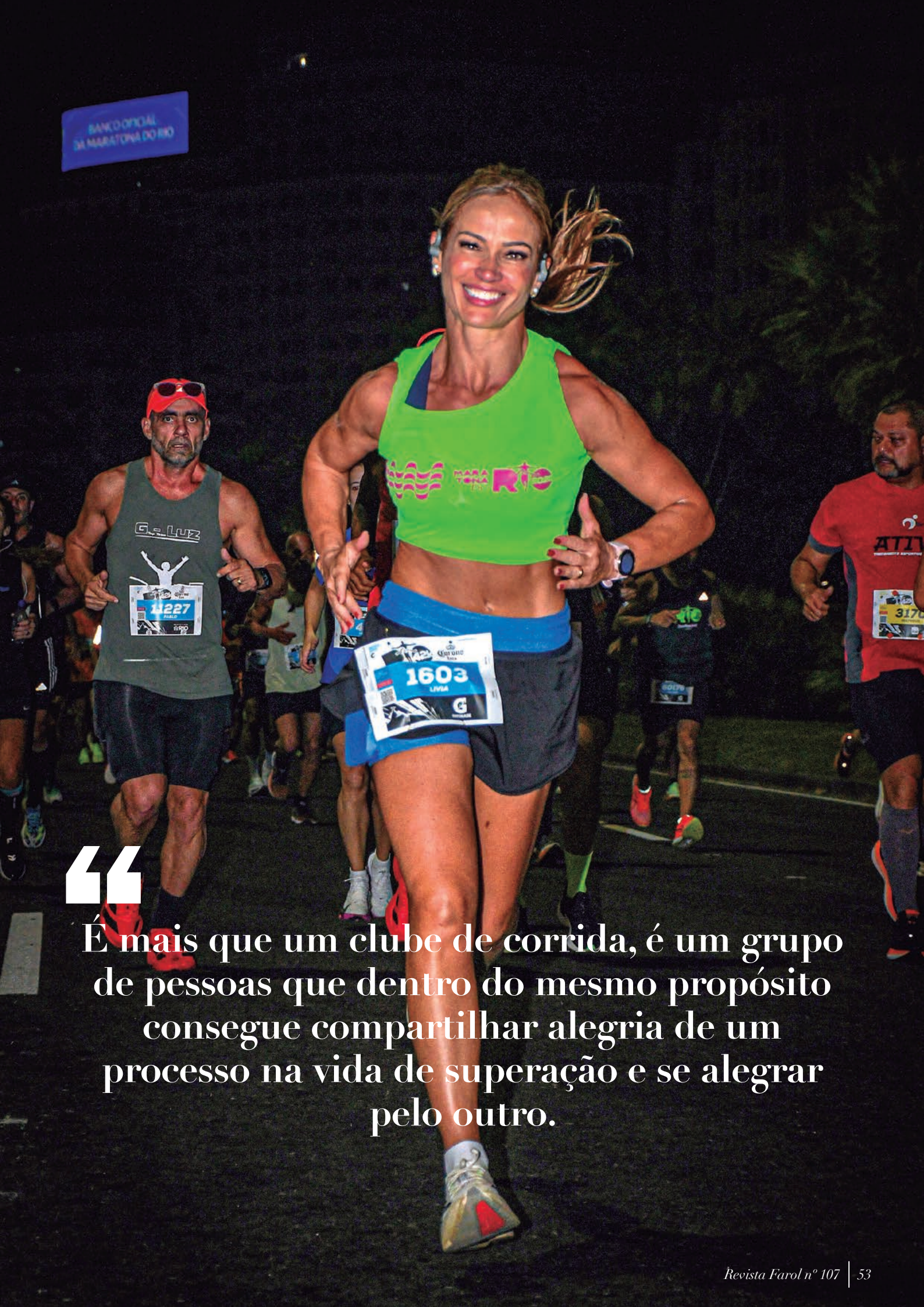
senso de pertencimento. “É mais que um clube de corrida, é um grupo de pessoas que dentro do mesmo propósito consegue compartilhar alegria de um processo na vida de superação e se alegrar pelo outro”, enfatiza.

Trocar um elogio, um sorriso ou ter uma companhia para te motivar durante os treinos e provas é o que torna esse esporte individual tão coletivo para ela. Em uma prova, sempre tem alguém, seja o vice-diretor Washington, seja o membro mais antigo do Clube, José Silva. A atleta sempre se alegra quando tem essas companhias. Independentemente do pace, da distância ou da competição, o valor está em viver o momento de forma coletiva e ir além dos próprios limites.

“Não podemos nos prender apenas a métricas grandiosas e esquecer que o nosso próprio extraordinário ocorre na rotina. Quando fazemos isso, nos afastamos da riqueza e oportunidade de nos encantarmos todos os dias. A corrida nos ensina a ter gana para seguir em frente, mesmo com todas as nossas imperfeições e limitações. Avançamos inclusive quando erramos, porque o erro amplia a compreensão dos nossos limites e alicerça a construção de novos desafios”, finaliza Livia.

Tem interesse em começar a correr? Faça parte do Clube de Corrida! Os treinos ocorrem às terças e quintas e aos sábados. Todos os anos, o Clube promove também a Corrida do Iate, aberta a todos os sócios. Este ano, a 37ª edição será no segundo semestre. Não deixe de participar!

BANCO OFICIAL
DA MARATONA DO RIO



“

É mais que um clube de corrida, é um grupo de pessoas que dentro do mesmo propósito consegue compartilhar alegria de um processo na vida de superação e se alegrar pelo outro.

“O IATE É APAIXONANTE”

Há nove anos nas gestões do Iate, Cecília Moço construiu uma trajetória marcada pela atuação em diferentes diretorias com melhorias na vice-diretoria de beach tennis e no Espaço Saúde



Em um ambiente conservador e majoritariamente masculino, Cecília Almeida Moço entrou para quebrar paradigmas e inspirar outras mulheres. De início, não queria assumir nenhum cargo de gestão no Clube, mas assim que surgiu a oportunidade passou a entender melhor o Iate e se apaixonou.

Há nove anos, Cecília se dedica à gestão: foi vice-diretora de Beach Tennis, vice-diretora da Secretaria, diretora de Esportes e, atualmente, ocupa os cargos de diretora do Espaço Saúde e 1ª vice-comodoro.

Ainda criança, Cecília se mudou com a família de Niterói (RJ) para a capital federal. Aqui, começou uma família. Foi professora, servidora, passou uma temporada nos Estados Unidos e, em 2007, tornou-se sócia-proprietária do Iate. A diretora e 1ª vice-comodoro é mãe de Pablo, Alexandre, Gabriel e Camila.

No Clube, Cecília começou a jogar beach tennis, nadava e frequentava a academia todos os dias (ainda segue essa rotina à risca, vindo duas vezes por dia ao Clube para se dedicar à saúde e à gestão). Em 2018, o vice-diretor de beach tennis a convidou para assumir a pasta. A primeira reação de Cecília foi negar.

“Eu falei ‘Deus me livre, é muita responsabilidade. Não tenho o menor perfil’. Mas entrei, me apaixonei pelo Clube e por sua história”, revela.

“Acredito que todo sócio deveria passar pela gestão para entender como o Clube funciona.”

Cecília comenta que “pode até parecer clichê”, mas ela afirma que o Clube é sua segunda casa. “O Iate é apaixonante. Parece até uma cachaca. Você começa a desenvolver um trabalho, conhecer as pessoas, fazer amigos e tudo se torna prazeroso”, destaca.



“

Acredito que todo sócio deveria passar pela gestão para entender como o Clube funciona.”

MELHORIAS NAS DIRETORIAS

Quando foi vice-diretora de beach tennis, Cecília contribuiu para que fossem construídas mais quadras e houvesse mais acessibilidade. A estrutura dos quiosques também foi aprimorada. No Espaço Saúde, foi feita a substituição dos acessórios das salas de ginástica, a aquisição de novos equipamentos de musculação e ergometria – incluindo a troca de aparelhos com mais de 16 anos de uso –, a ampliação do piso emborrachado em salas de aula, instalação de isolamento térmico e acústico, aquisição de aparelho de power plate, construção de nova sala de ciclismo indoor, substituição dos aparelhos do pilates e ampliação da área de alongamento.

Também foram realizadas intervenções importantes na Brinquedoteca, com a substituição do piso por um material antiderapante, antirruído e mais prático para limpeza e manutenção.

Além dos avanços estruturais, a gestão investiu em ações de engajamento e bem-estar dos usuários. Um dos destaques foi o Desafio de 30 Dias da Academia – que você confere na edição nº 105 da **Farol** –, que reuniu 115 alunos em agosto de 2025 com o objetivo de integrar, perder gordura e ganhar massa magra.

Em parceria com as escolinhas de esportes, foi implementado o projeto de treinamento para atletas e o Espaço Saúde aumentou os serviços de montagem de treino e fisioterapia.

A sauna também recebeu investimentos, totalizando R\$ 22.531,80, com a aquisição de novos roupões e toalhas, garantindo mais conforto, comodidade e qualidade no atendimento aos sócios que utilizam os serviços.

APRENDIZADO NUNCA ACABA

Nesses nove anos, Cecília destaca que a convivência com os diretores e os associados foi seu maior aprendizado. “Eu aprendi a ser mais detalhista e observadora. É gratificante estar em contato com as pessoas porque você aprende a enxergar todos com outro olhar. O que me toca mais é que o tanto que você doa do seu tempo, você recebe a gratificação, seja em um elogio, seja em um abraço”, observa a diretora.

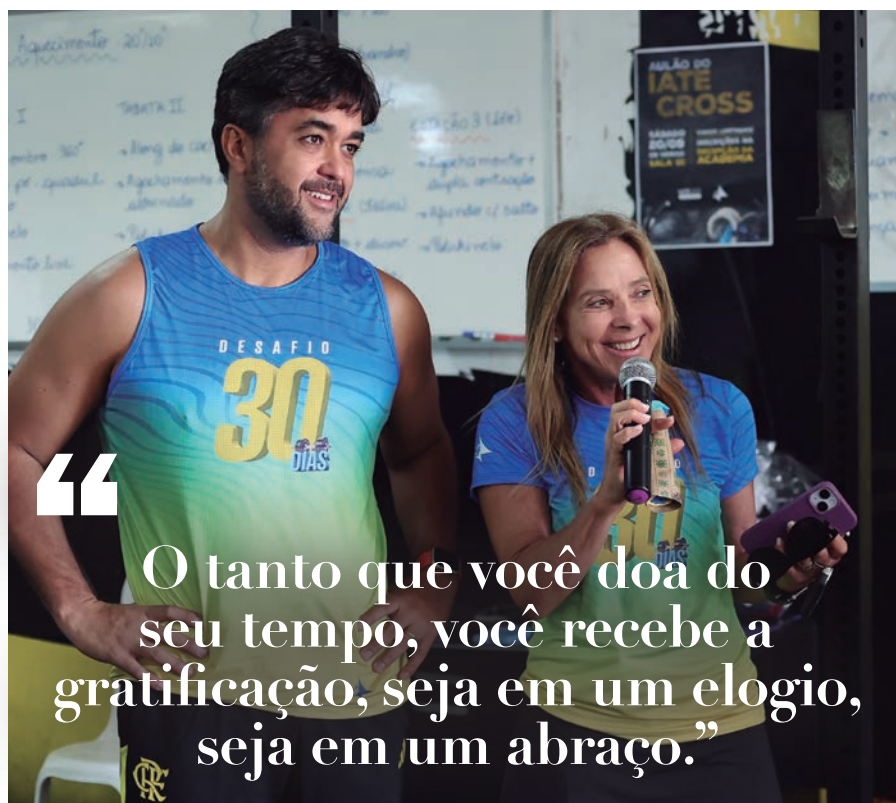
Segundo ela, quando se tem um trabalho voluntário a responsabilidade é ainda maior: é preciso ser atuante e fazer a diferença. “Você precisa trabalhar em equipe, não pode só comprar um móvel novo na academia. Tudo você tem que batalhar extremamente para acontecer”, afirma.

Apesar de não ter hobbies fora do Clube, porque as atividades aqui ocupam todo o tempo livre, Cecília praticou karatê durante anos, é faixa preta e foi professora. Em 1999, ela e a família moraram nos Estados Unidos por três anos.

A filha Camila nasceu por lá, seguiu os passos da mãe no gosto pela atividade física e hoje representa o Clube nos torneios de beach tennis. Um dos pontos positivos que o Iate proporciona para Cecília é estar sempre juntos em família.

A diretora se dedica inteiramente à gestão do Espaço Saúde e à vice-comodoria. O único compromisso inegociável é sair para um barzinho às quintas-feiras à noite para jantar e ver os amigos. Cecília fez do Clube “uma rotina prazerosa”. Apesar de ter responsabilidades, ela não vem ao Iate por obrigação, mas porque aqui é um passatempo que faz com prazer, sem cobranças.

Ao longo dos anos de gestão, Cecília acredita que seu maior legado é a doação. Para ela, doar é estar sempre em movimento: fazer, entregar e também receber. Essa postura começou lá na vice-diretoria de beach tennis e vai seguir com ela até o último dia de gestão.



“

O tanto que você doa do seu tempo, você recebe a gratificação, seja em um elogio, seja em um abraço.”

Contrato n. 366/2023



BANCO
BRB

+ + + + +

COMPROMISSO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES

Há quase seis décadas, o Banco BRB escolhe o mesmo caminho: cuidar das pessoas, evoluir com transparência e continuar em frente, mesmo nos momentos decisivos.

Seguimos sólidos, responsáveis e comprometidos com quem acredita na gente. Porque confiança é construída com atitude e com verdade.

BANCO BRB.
HÁ 59 ANOS AO LADO DE BRASÍLIA.

+ + + + +


ABRA
SUA
CONTA



banco
BRB

APADRINHE UM SONHO

Conheça o projeto “Adote um Atleta”, que amplia oportunidades para jovens talentos com menos recursos financeiros treinarem e representarem o Clube em competições



Nos últimos anos, o voleibol do Iate saiu de um cenário com turmas reduzidas e sem participação em competições para uma realidade de presença em Campeonatos Brasileiros Interclubes (CBI). Para viabilizar a permanência e o crescimento da maioria dos atletas, que não são sócios-proprietários e não têm condições financeiras de arcar com os custos mensais e as despesas de competição, o Clube criou o projeto “Adote um Atleta”.

A iniciativa reforça o compromisso do Iate com a inclusão, o desenvolvimento de atletas, o fomento ao esporte e a responsabilidade social. A proposta do “Adote um Atleta” é criar uma rede de apoio formada por sócios, pais, empresários e amigos do voleibol que apadrinham um jogador e, em contrapartida, têm suas marcas divulgadas nos canais de comunicação do Clube, como site, redes sociais ou eventos esportivos.

Segundo o vice-diretor de Vôlei de Quadra, Alexandre José Amaral Ferreira, o Xuxa, o projeto nasce de uma necessidade concreta e de uma visão estratégica para o futuro da modalidade.

“A importância dessa fórmula, criada pelo nosso coordenador Fernando Barreiras, é dar oportunidade para os atletas com menos condições financeiras participarem das equipes do Iate. Já que temos restrições orçamentárias, precisamos usar essas ferramentas para que jovens talentosos, muitas vezes mais humildes, possam jogar, mesmo sem condições de pagar os valores mensais”, explica.

Para ele, o “Adote um Atleta” vai além do apoio financeiro: “É proporcionar que esses atletas pratiquem esporte, se aprimorem cada vez mais e, consequentemente, tragam resultados para o próprio Clube em competições locais e nacionais”. Segundo Xuxa, essa também “é uma forma de ampliar e fortalecer o nosso elenco.”

Diversos atletas moram nas regiões administrativas e, além do valor mensal do convite esportivo, também têm que arcar com o deslocamento todos os dias, como é o caso de Danilo Lima e Vinicius Almeida. Os atletas chegaram este ano para reforçar o time de voleibol do Iate. O sonho de defender um grande clube, evoluir no esporte e vestir a camisa com orgulho esbarra muitas vezes nas limitações financeiras.

Danilo Vaz dos Santos Lima, de 17 anos, já acompanhava o time do Iate e sempre quis participar, mas a questão orçamentária era um empecilho. Foi depois de ser “adotado” por uma empresa que o sonho se tornou realidade.

“Lá em casa nunca tinha muito dinheiro. Quando tive a oportunidade de receber uma bolsa para jogar e não pagar a mensalidade, vi a oportunidade de viajar para campeonatos e poder jogar”, conta.

Morador do Guará, ele atravessa a cidade quase todos os dias para treinar. A rotina é puxada, mas não diminui o entusiasmo. “É difícil chegar, fica complicado às vezes, mas dou um jeito para conseguir estar lá porque é algo muito importante para mim”, reforça.

Quando mais novo, não encontrou um time para começar. Por isso, o início no esporte também exigiu persistência. “Quando achei o vôlei, encontrei um esporte que me identifiquei e quis ficar nele”, conta. “Gosto da sensação de estar em quadra, jogar com outras pessoas boas e que têm a mesma chance que eu de ir bem na partida.”

Já Vinicius Almeida, 17 anos, percorre quase 40 km do Gama até o Clube. Ele entrou na equipe no começo de 2026 e precisou acelerar a adaptação. Assim que entrou, o mais difícil foi “ter que se esforçar o dobro para alcançar o nível dos outros atletas”. Sempre gostou de esportes na escola, mas a paixão pelo vôlei é recente.

Com participações em diversos campeonatos, assim como Danilo, ele já se tornou peça importante dentro e fora de quadra, especialmente no aspecto mental da equipe. Eles se prepararam para um campeonato sub-19 que vai ocorrer de 23 a 28 de abril em Natal (RN).

Segundo ele, representar o Iate é motivo de orgulho. “O Iate Clube tem uma das melhores estruturas que já vi em Brasília. Mas muitos atletas não conseguem arcar com os custos para treinar, e a falta de apoio financeiro acaba interrompendo o sonho de muita gente”, pontua.





“

A importância dessa fórmula, criada pelo nosso coordenador Fernando Barreiras, é dar oportunidade para os atletas com menos condições financeiras participarem das equipes do Iate.”





COMO FUNCIONA



Idealizador do projeto, o coordenador de vôlei de quadra do Clube, Fernando Barreiras, conhece de perto os desafios da formação esportiva. Com décadas de atuação no vôlei, ele percebeu que o crescimento técnico precisava caminhar junto com soluções estruturais.

“O atleta faz teste, passa e demonstra potencial. Mas muitas vezes, ao saber que precisará arcar com mensalidade, viagens, alimentação e hospedagem em competições, a família não consegue manter”, resume.

Nas competições nacionais, por exemplo, as passagens aéreas podem ser viabilizadas pelo Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), mas as despesas com estadia e alimentação ficam sob responsabilidade do atleta. “Estamos falando de valores que podem ultrapassar R\$ 2 mil. Para muitas famílias, isso é inviável”, pontua.

O projeto prevê três categorias de apoio - ouro, prata e bronze - com cotas mensais que permitem ao empresário ou associado escolher a forma de participação. Os recursos arrecadados são direcionados ao custeio do convite esportivo de atletas em situação de vulnerabilidade e ao apoio logístico em competições.

“Se conseguirmos dez apoiadores na cota principal, praticamente viabilizamos uma equipe inteira. Estamos falando de jovens que representam o Iate em campeonatos brasileiros, levando o nome do Clube e, junto, a marca de quem acredita no esporte”, reforça Fernando.

Seja para alcançar o alto rendimento, seja para abrir portas acadêmicas e profissionais, a vivência esportiva desenvolve disciplina, responsabilidade e visão de futuro. “O esporte ensina, forma caráter e cria rede. Nosso papel é dar a chance. O talento e o esforço fazem o resto”, finaliza o treinador.

Faça parte desse movimento do vôlei do Iate! Entre em contato com o coordenador Fernando Barreiras via telefone (61) 99282-1608 e seja um(a) parceiro(a).



Estamos falando de jovens que representam o Iate em campeonatos brasileiros, levando o nome do Clube e, junto, a marca de quem acredita no esporte.”

CAMPEONATOS

AO MESTRE, COM CARINHO

Em 1992, no Yacht Club de Santo Amaro (SP), Alexandre Paradedda vence pela primeira vez o Campeonato Brasileiro de Snipe ao lado de Caio Vergo. Trinta e quatro anos depois a história se repete com uma nova proeira



A uma semana da 76ª edição do Campeonato Brasileiro de Snipe, o atleta olímpico e formador de campeões Alexandre “Xandi” Paradedda se prepara para se reunir com a filha no Iate Clube de Brasília. Na Bahia, na Ilha de Itaparica, ele se despede dos meninos do Optimist, que participaram do Campeonato Brasileiro da classe. Sai o uniforme de técnico e entra a roupa de velejador.

Em Ilhabela, Melissa “Mel” Paradedda fecha as malas e vai ao encontro do pai. Os dois chegam ao Aeroporto Internacional de Brasília. O destino? O Lago Paranoá. Serão dez dias de treinamento antes do possível 14º título de Xandi, o primeiro tendo a filha como proeira.

“Chegamos antes para treinar. A gente não tem essa preparação toda junto sempre. Queremos estar prontos para qualquer condição”, comenta Xandi.

Com um sorriso no rosto, sempre alegre e de bem com a vida, Mel, a terceira geração de uma família de velejadores, conta os dias para correr pela segunda vez um Brasileiro com o pai. O primeiro foi há dois anos. Ela veleja na classe 420, que é preparatória para o 470, uma classe olímpica. Melissa não tem como prioridade o Snipe, mas afirmou que não iria deixar passar a oportunidade de fazer história com o pai. Mel se cobra muito e quer sempre melhorar. Segundo ela, tudo o que sabe aprendeu com ele.

“Acho que tem muita pressão em cima da gente nesse campeonato, mas quero me divertir bastante e vamos tentar sempre fazer o melhor que pudermos”, afirma Mel.

À tarde, naquele dia, Xandi e Mel vão para a água treinar. Eles dependem um pouco das condições de vento para terem chances de vitórias. Como são leves, o vento fraco é mais vantajoso. Brasília pode ser o lugar ideal para favorecer ambos, mas em se tratando do tempo, tudo é possível de acontecer.

ATUAIS CAMPEÕES

Na sexta-feira, 23 de janeiro, dois dias antes da abertura oficial, Juliana Duque e Rafael Martins saem cedo de Salvador (BA) rumo à capital federal. Chegam e vão direto para o Iate Clube de Brasília. Neste campeonato, trazem duas integrantes a mais: Lila, que está na barriga de Ju, e a mãe Alina, que acompanha de perto os campeonatos da filha desde que descobriu que vai ser avó.

“Não costumo viajar com eles, apenas com Ju grávida. Às vezes, não come direito. Fiquei um mês com ela em Itaparica (no Campeonato de Optimist) fazendo comida e garantindo que ela iria se alimentar bem”, detalha a avó coruja.

No píer da Náutica, sentada no quiosque, a mãe vê a filha e o genro velejando ao longe e se acostumando mais uma vez com a raia brasileira. Ju e Rafael vieram no último Campeonato de Snipe, sediado pelo Clube, em 2015. Na época, ainda velejavam como concorrentes.

Juliana Duque e Eduardo Carvalho terminaram a competição em 20º lugar. Já Rafael Martins ficou em 23º ao lado de Mila Beckerath. “Já éramos um casal e nossas duplas não conseguiam mais se dedicar. Decidimos nos juntar por termos o mesmo objetivo de nos dedicarmos mais à vela”, explica Ju.

“Parou de dar confusão, cada um em um barco, quando éramos concorrentes, e começou a dar confusão no mesmo barco”, acrescenta Rafa, brincando.





ÀS VÉSPERAS DA COMPETIÇÃO

Os 84 barcos chegam ao Clube no final de semana. Contra toda a “fama de mau vento”, 84,2 mm de chuva foram registrados no domingo. Enquanto a chuva cai lá fora, todos se abrigam no galpão da Náutica e passam pela medição para iniciar no mesmo nível competitivo. Esse trabalho é feito há mais de 20 anos pelo medidor nacional e velejador Mário Eugênio Tavares. Ele e a equipe se certificam das medidas da vela, do casco, do peso, do leme, da bobina e da mastreação.

Assim que chegou do Rio de Janeiro, Mário Eugênio passou todas as orientações para o time da Confederação Brasileira de Vela (CBVela) e da Náutica do Iate. De longe, ele supervisiona, organiza e faz apontamentos com seu sotaque carioca. Mário sente que a aposentadoria uma hora vai chegar e que precisa passar o bastão, mas ainda não quer ficar de fora.

“Não só supervisiono, como também organizo. Muitos barcos, por exemplo, não têm o certificado. É uma das regras ter certificado de medição grudado atrás. Tenho que consultar, verificar e ver tudo o que está acontecendo”, explica.

Com boia na cabeça e vestindo um casaco azul, Mário fica distante para se proteger da chuva e do vento. Ele não quer se esforçar tanto para poder se curar rapidamente de uma gripe e competir com a saúde 100%. Com três concorrentes na categoria grand master, ele já canta vitória: “O meu prêmio está garantido, com certeza, porque só tem três competidores”.

Mário viajou muito pelo Brasil e mundo afora tanto para velejar quanto para fazer medições. “Toda vez que me chamam vou para fora. São as viagens mais interessantes. É muito gostoso. É gostoso porque você fica no meio de pessoas que fazem a mesma coisa que você. Todo mundo tem a mesma paixão”, conta.

Essa paixão é dividida por alguém que com dois meses de vida veio da Alemanha para o Brasil. Praticamente brasileiro, mas ganhou o apelido de “Alemão”. É alguém que ama estar nos bastidores e velejar ao mesmo tempo. Kurt Diemer fez da fabricação dos barcos um negócio familiar ao lado do filho. Hoje são mais de 500 barcos da classe Snipe que passaram nas mãos dele.

Foi Kurt quem chamou Mário para o cargo. O medidor nacional era de São Paulo, mas a fábrica de barcos era no Rio. Com isso, precisavam de alguém na capital. “Pensei que era brincadeira, mas passou a ser uma coisa séria. Todos os anos, há 20 anos, viajo pelo Brasil todo. Só em Brasília vim quatro vezes. O primeiro campeonato que corri, em 1968, eu não tinha proeiro. Me arrumaram o César Castro, que

virou uma lenda aqui em Brasília”, lembra Mário.

O primeiro barco que Kurt construiu tem 33 anos. Depois de passar pelas mãos de vários velejadores, ele tem o orgulho de dizer que veleja com o “001” até hoje, apesar de não ter levado a embarcação para o Campeonato de Snipe.

ETERNIZAR MOMENTOS

Foi no encontro entre a água, o vento, as velas e um clique que Fred Hoffmann encontrou seu lugar definitivo. Ele esteve presente quando muitos estavam começando no esporte, quando barcos históricos cortaram a água pela primeira vez, no nascimento de clubes ou quando os atletas ainda estavam na barriga dos pais.

Aos 16 anos, segurou uma câmera pela primeira vez e nunca mais largou. Com 70 e tantos anos, Fred veste uma corta vento amarela, chapéu e, além da câmera descansando no pescoço, carrega para todos os lados uma mala preta com os equipamentos de fotografia.

Fred circula entre barcos e velejadores como quem conhece o lugar. “A vela é isso aqui”, diz, apontando ao redor. “É gente, é história, é todo mundo junto.”

Já fotografou cerca de 56 campeonatos brasileiros e veio mais uma vez registrar a 76ª edição. Fred fotografa os momentos, mas sabe também decifrar todas as histórias por trás das fotografias. Praticamente folheia um álbum vivo contendo todas as fotos que já tirou na vida.

“Aquela mocinha de chapéu amarelo já ganhou três vezes e tem três à bordo... esse aqui começou menino... Tem barco aqui que foi construído em 1957 e vai correr... A regata de inauguração do Clube foi uma regata de Snipe”, conta. Aproximando-se da proa 75, ele comenta: “Esse é o cara”. Fred fala de Xandi, maior vencedor da competição, “formador de campeões e um grande professor”.

Em suas fotografias, vela não é só um esporte, o Brasileiro não é só mais um campeonato. É formação, convivência e legado. “A vela é um caminho longo. E se você não tiver gente boa guiando no começo, não chega lá”, resume.



É HORA DA LARGADA

Com óculos esportivos a postos, Ju e Rafa chegam cedo para a primeira regata do campeonato, na terça-feira, 27 de janeiro. Ju enche uma garrafa d'água. Rafa confere o barco e como está o clima. A rotina de treinos da dupla seguiu intensa, ainda que adaptada a novos momentos de vida. Para o campeonato, eles costumam alternar ciclos de seis dias de treino para um de descanso, com foco no condicionamento físico e na manutenção do desempenho.

Para as regatas, chegam antes, organizam a proa 60 e se concentram antes de entrar na água. Com a gravidez, Ju reduziu as viagens e passou a ficar mais tempo no clube em Salvador, onde treina jovens do Optimist, enquanto Rafael segue competindo em outras classes, como no J70. “Tenho treinado bastante, respeitando minhas limitações, e velejo quando é possível”, resume a velejadora.

O casal acompanha todo o frenesi dos outros 84 barcos. O corpo está cheio de adrenalina, mas ambos seguem tranquilos de que vieram para se divertir. A realidade é outra. Esse é o último campeonato antes da chegada de Lila. “Estou naturalmente mais pesada no barco, isso faz muita diferença com o que a gente está acostumado a velejar. Já ganhei 11 kg e em lugar com vento fraco isso é muito ruim e, para o vento forte, eu não consigo escorar como antes, não faço a mesma força”, explica a velejadora.

Rafael Martins reforça que a prioridade dos dois é a filha. Apesar de serem muito competitivos, uma mensagem de um amigo o deixou reflexivo sobre o real objetivo do campeonato. “Um amigo me mandou mensagem e falou assim ‘Rafa, Brasileiro de Snipe tem todo ano. A gravidez de Ju é só este ano’”, revela.

Com pais velejadores, Lila vai crescer praticamente dentro da água. “Vela vai ser como escola, não pergunta se tem que ir ou não”, brinca Ju. Os dois querem que ela cresça vendo os pais velejando, em ação e que, se for da vontade dela, que esteja no mesmo barco, correndo uma regata na companhia deles.







FORTES EMOÇÕES NO LAGO PARANOÁ

Mesmo “grávidos” e sem pretensão de defender o título, Juliana Duque e Rafael Martins chegaram em primeiro lugar em duas regatas do Campeonato de Snipe. Xandi e Mel lideraram boa parte das provas e chegaram em segundo lugar em três.

No primeiro dia, após três tentativas de largada, a flotilha partiu para a regata dois. Do alto, com o drone, o consultor da CBVela Jônatas Gonçalves narrava o espetáculo: “Largou! Valeu! Valendo! Flotilha da classe Snipe bem espalhada pelo Lago Paranoá! A disputa não está acirrada, está impossível!”. Em duas regatas, Rondina e Alex mostraram o potencial da dupla na competição: largaram mal, mas conseguiram se recuperar e chegar em segundo em duas regatas.

Entre uma prova e outra, os velejadores voltavam para a terra para consertar avarias, cuidar da alimentação e tentar descansar enquanto a comissão de regatas ainda não anunciava “recon em água”. Na regata

três, Ju Duque e Rafael Martins fizeram uma virada impressionante, saltando da terceira para a primeira colocação. Com a queda do vento, o percurso precisou ser encurtado, mas a emoção seguiu até o fim.

No último contravento, Ju/Rafa e Xandi/Mel travaram um duelo direto até a linha de chegada. “Será que vai dar música gaúcha ou música baiana?”, questionou o barco da imprensa acompanhando os momentos finais. Na chegada, o apito confirmou a vitória de Ju e Rafa, comemorada com dois beijinhos.

Foram várias regatas de recuperação do casal baiano. O segredo, segundo Juliana, foi a paciência. “Em algumas regatas, a gente não conseguiu manter isso o tempo todo, mas ao longo do campeonato a paciência fez muita diferença. Nos momentos mais difíceis, conseguimos nos organizar, extrair o melhor da situação e virar o jogo. Muitas vezes, é justamente nas piores regatas que surgem nossos melhores resultados”,

relata Ju. “É uma construção que vem com o tempo.”

Na regata seguinte veio o presente da competição. O momento mais marcante para Rafael foi ter disputado “metro a metro” a quarta corrida com o campeão Robert Scheidt. “Passar o maior velejador de todos os tempos foi como se a gente tivesse ganhado o campeonato”, descreve Rafa.

Com o fim da competição se aproximando e nada definido, a orientação foi controlar o coração, pegar o remédio e chamar o cardiologista, porque as últimas regatas prometiam fortes emoções. A espera do vento adiou a largada para as 11h.

Quando o vento chegou, trouxe intensidade: 12 a 13 nós. O campeão olímpico Robert Scheidt dominou todas as três regatas, terminando o campeonato em 5º, ao lado de Mario Carvalho.

LEGADO DE PAI PARA FILHA

Com o pior resultado descartado, pai e filha conquistaram o título: o primeiro de Mel, o 14º de Xandi. Chegaram em primeiro na regata de número cinco e em segundo lugar em três corridas. Os pupilos de Xandi dividiram o pódio com o mestre, na segunda colocação.

Quando Felipe Rondina percebe que ele e Alex são os vice-campeões, não pensa duas vezes: pula na água e nada em direção a Xandi. Ele puxa o treinador para a comemoração. O abraço vem fácil. O sorriso e as lágrimas também. No olhar de Felipinho, o brilho de quem vai dividir o pódio com o mestre, professor, referência e ídolo: aquele que o viu crescer, aprender e se formar na vela, junto com Alex.

“Foi ideia do Xandi da gente correr juntos e ter uma chance de disputar o campeonato em casa. Ficamos muito satisfeitos de dividir esse pódio. Poxa, 14 vezes campeão brasileiro. Se tem um cara que dá para perder é para o Xandi”, destaca Rondina, emocionado. “Vou seguir buscando o meu título, já tenho alguns anos

batendo na trave, mas vou estar sempre em busca do próximo.”

Às 19h, a premiação começa. Todos os campeões são chamados ao palco. O Comodoro Luiz André Almeida Reis entrega o troféu transitório para pai e filha, que usam a camisa vermelha da vela do Clube dos Jangadeiros. Eles comemoram em um sorriso e olhar cúmplice. “Para mim foi uma aula, foi inesquecível correr esse campeonato com o meu pai. Desde criança ele me levava para o clube, me treinava e sempre acreditou em mim”, afirma Mel. “Tudo o que eu sei hoje sobre vela eu aprendi com meu pai.”

Na cabeça de Xandi, passa o filme novamente do momento da vitória e da alegria de Felipe em parabenizá-lo. Na frente de todos, ressalta o orgulho que sente em ver seus meninos, Felipe e Alex, no pódio. “São dois caras que eu treinei a vida inteira de Optimist, fiz parte da formação deles e tenho muito orgulho de ter participado do campeonato juntos”, disse.

O agradecimento especial fica por último. Xandi se iguala às suas grandes referências no esporte: Ivan Pimentel, campeão Brasileiro de Snipe em quatro décadas diferentes, e Paulo Santos, que também ganhou ao lado do filho. Ele escreve seu nome no troféu pela 14ª vez, só que tem um gosto especial. “Esse foi o 14º Brasileiro de Snipe que eu ganhei, mas nenhum é comparado à emoção de ter corrido com a minha filha”, revela.

Depois de levantarem o prêmio, Rafael, Felipe Rondina e Alex Kuhl saem de suas posições no pódio e carregam Xandi e Mel nos ombros. Enquanto isso, próximo ao galpão, os caminhões se organizam para levar de volta os barcos que vieram de todos os cantos do país. Nas malas, estão histórias para contar, ventos de mais de 10 nós e ainda mais garra para disputar outros campeonatos pelo resto do ano.

Todos os dias, diferentes atletas saem para treinar ou competir, mas é uma oportunidade rara poder vencer ao lado de quem lhe criou e ensinou tudo o que sabe.



IATE 66 ANOS: SOB O OLHAR DA INFÂNCIA

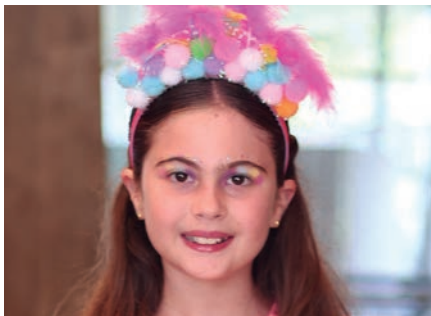
Piscina, parquinho, quadras e toboágua aparecem como os cenários preferidos dos pequenos sócios que celebram o aniversário do Clube

Há 66 anos, o Iate constrói memórias. No olhar das crianças, essas histórias têm cheiro de protetor solar, som de risadas, barulho de um “tchibum” na piscina e pés descalços correndo pelo gramado. Essas histórias traduzem também o frio na barriga do toboágua, o sabor do açaí depois da natação, o encontro com os amiguinhos e o abraço da família antes de ir para casa.

Para marcar o aniversário do Iate, celebrado em 21 de abril, 66 crianças contaram o que mais gostam de viver por aqui e revelaram que o Clube é, acima de tudo, um lugar de afeto.



FOUGANZA



Clara Lima, 9 anos



Gosto de nadar na piscina e brincar no parquinho.”



Julia Fróes, 14 anos



Eu adoro nadar, ir aos toboáguas e ficar com a minha família no Clube.”



Alice Veras, 8 anos



Gosto de nadar e ir ao parquinho.”



Eliza Viana, 7 anos



O Iate é minha casa.”



Pedro Bomtempo, 12 anos



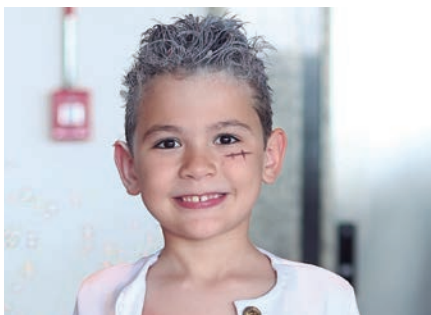
Eu gosto de treinar e ficar com os amigos.”



Cecília Wellisch, 3 anos



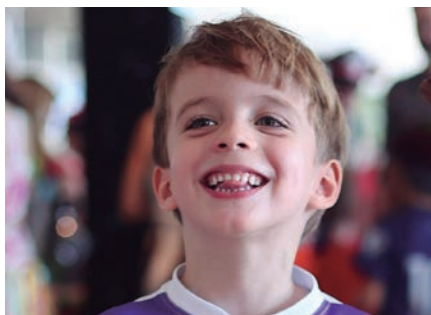
Gosto de brincar de pique-esconde, nadar na piscina da baleia e ir ao toboágua.”



João Henrique Wellisch, 8 anos



Gosto de ir à piscina e ir ao toboágua.”



Theodoro Guimarães, 4 anos



Gosto da piscina da ‘baleiona’.”



Miguel Guimarães, 4 anos



Gosto das tartaruginhas que nadam no lago.”



Gabriel de Avelar, 4 anos

“

Eu amo nadar no Clube.”



Davi Zapelini, 4 anos

“

Eu gosto de brincar com meu amiguinho Gabriel.”



Vitor Zapelini, 4 anos

“

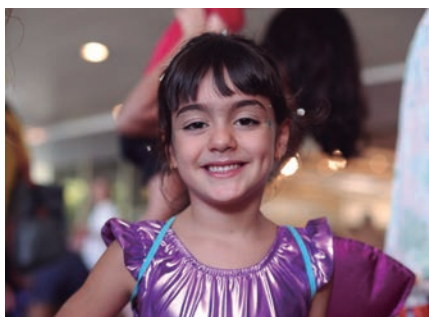
Eu gosto de nadar na piscina da baleia e ir ao toboágua.”



Analua Nocello, 2 anos

“

Gosto de escorregar, ir à piscina da baleia. Gosto da casinha do parquinho.”



Catarina Estuqui, 6 anos

“

Eu amo tomar açaí no Clube.”



Antônia Couto, 4 anos

“

Gosto de fazer bolinha de sabão, nadar na piscina e brincar com os amiguinhos.”



Gabriela Reis, 6 anos

“

Eu gosto de nadar na piscina funda de dois metros.”



Valentina Góes Moura, 8 anos

“

Aqui no Clube eu adoro velejar, sou proeira do ‘Camaleão’, jogo tênis de mesa, faço Ciate e gosto de brincar nos parquinhos.”



Maria Esther, 8 anos

“

Eu adoro fazer aula de tênis e entrar na piscina com meus primos.”



Beatriz Suzuki, 9 anos



Eu nado em todas as piscinas.”



Sara Pinho, 4 anos



Eu amo brincar com a minha amiga Bibi no parquinho.”



Enzo Sales Ferreira, 9 anos



Eu amo brincar no parquinho no chafariz.”



Talita Lopes, 5 anos



Eu gosto de brincar e nadar com meu pai na piscina.”



Felipe Guarany's, 8 anos



Gosto de vir para o Clube com a minha família, brincar no tobogã e nadar na piscina.”



Angelina Starling, 3 anos



Gosto de brincar no parquinho de areia.”



Valentina Starling, 3 anos



Eu vou ao parquinho de areia com a minha irmã.”



Isabela Starling, 13 anos



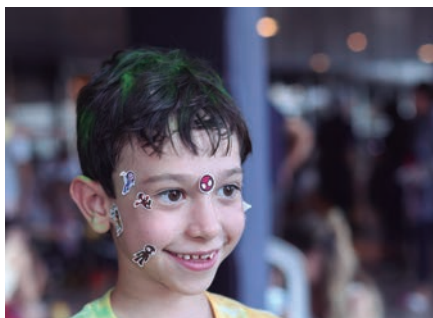
Eu adoro brincar com as minhas irmãs mais novas no parquinho.”



João Guilherme, 6 anos



Eu amo ir ao Iate e ficar no ginásio.”



Gabriel Rios, 6 anos



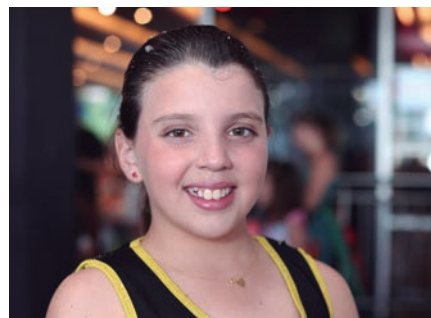
Eu amo ir ao parquinho.”



Tomaz Ribeiro, 4 anos



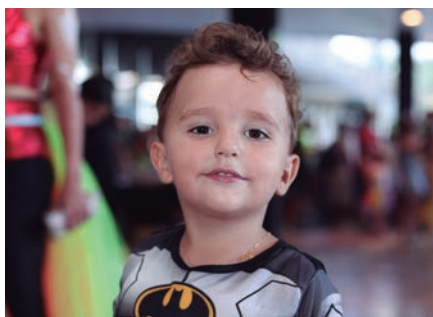
Eu gosto de ir à piscina do toboágua.”



Maria Luiza Jarjour, 9 anos



Faço parkour pelo late e amo o toboágua amarelo.”



Felipe Jarjour, 2 anos



Gosto de ir ao parquinho e às fontes de água.”



Helena Jarjour, 2 anos



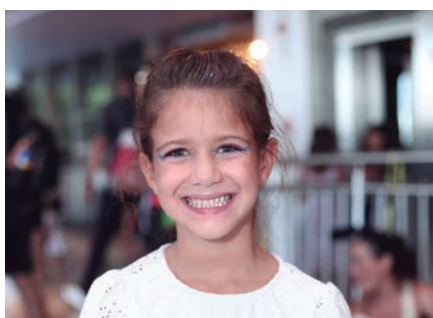
Eu amo a piscina, o toboágua e o parquinho.”



Heitor Gomes, 12 anos



Eu gosto de treinar judô com os amigos e aproveitar o campo do late para jogar bola.”



Clara Gomes, 5 anos



Eu amo nadar no Clube.”



Cecília e Helena Pinheiro, 7 anos



Amamos ir ao parquinho, encontrar os amigos, nadar na piscina e ficar na brinquedoteca da Academia enquanto esperamos nossos pais.”



Maria Alice, 2 anos



Gosto de brincar no balanço azul.”



Antonella Margiotta, 4 anos



Gosto de nadar na piscina do toboágua.”



Laura Carpaneda, 5 anos



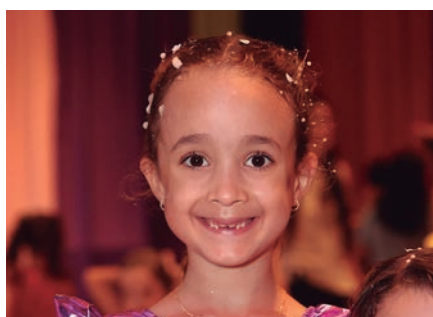
Gosto de brincar no parquinho e na piscina.”



Luiza Carpaneda, 7 anos



Amo nadar e ir ao toboágua azul.”



Mariana Garcia Vidal, 4 anos



Adoro brincar com a minha irmã no parquinho.”



Maria Luiza Garcia Vidal, 6 anos



Eu gosto da piscina da baleia e de tomar suco de açaí.”



Maitê Monte Rosa, 4 anos



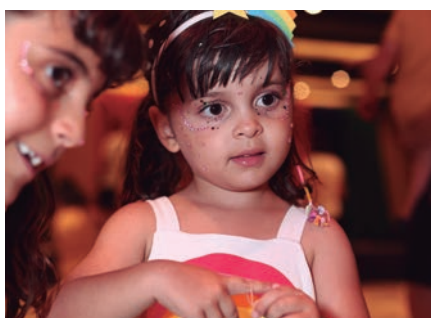
Gosto de descer sozinha no toboágua azul.”



Gisele Silveira, 7 anos



Eu adoro brincar de corda, descer no toboágua e as atividades do Ciate.”



Isabela Oliveira, 3 anos



Gosto de pular na piscina.”



Frederico Gadelha Campos, 4 anos, e Teresa Gadelha Campos, 2 anos



“Amo ir para a piscina da baleia e para o parquinho.”
“Gosto de brincar no parquinho.”



Daniel Santinoni, 10 anos



Gosto de jogar futebol, fazer judô e brincar na piscina.”



Caio "Kaluminho", 7 anos



Eu gosto de ir na quadra que tem no fundo do Clube, de futebol de campo. Quando ela fica molhada, têm poças e me divirto.”



Bernardo Pereira, 6 anos



Gosto de jogar futebol de campo.”



Vicente Gadelha, 7 anos



Eu gosto de jogar futsal.”



Davi Honório Gurgel, 8 anos



Gosto de jogar futsal e ir à piscina.”



Luca Della, 3 anos



Eu amo brincar no parquinho.”



Joanna Leão, 8 anos



Eu faço patinação e amo entrar na piscina.”



Giovanna Della, 7 anos



Eu gosto de patinar no Clube e dançar músicas da Ana Castela.”



Nina Domingues, 6 anos



Amo dançar as músicas da Ana Castela.”



Miguel Della, 6 anos



Gosto de brincar com o meu amigo Bernardo e descer no escorregador.”



Santiago Alcântara, 7 anos



Eu venho nadar na piscina e jogar ping pong.”



Pedro Neves, 8 anos



Gosto de conversar com os amigos e participar da aula de robótica do Ciate.”



Lucas Pereira, 6 anos



Eu gosto de tomar picolé.”



Matteo Bahiense, 10 anos



Gosto de jogar tênis e xadrez porque é estratégico.”



Heitor Sumida, 14 anos



Eu gosto de treinar judô, jogar bola e curtir o Clube com meus amigos.”



*Mirela Medeiros, 5 anos;
Isadora Medeiros, 2 anos;
Maria Eduarda Medeiros, 8 anos*



Gostamos de ir à piscina e à brinquedoteca.”

LUZ, CÂMERA E CINE IATE EM AÇÃO!

Conheça mais sobre o Cine Iate e as sócias que participam do grupo de discussão sobre filmes no Clube



Um desejo antigo de trazer para o centro do Memorial do Iate Clube de Brasília discussões sobre filmes fez reacender o projeto Cine Iate. Sob a coordenação do grupo Livros e Raquetes, em parceria com a Diretoria Cultural, o projeto visa reunir as associadas na última quinta-feira do mês para debater obras cinematográficas presentes nas grandes telas do cinema ou em streamings, como Netflix.

Segundo Luciana Leão, uma das organizadoras do Livros e Raquetes, a Diretoria Cultural fez o convite, no final de 2024, para que fosse retomado o projeto "Literatura e Cinema", criado em 2019 pelo senhor Nagib Nassar, sócio do Clube.

"No Livros e Raquetes, escolhemos um livro por mês e nos reunimos para conversar sobre a leitura. Quem sempre nos apoia com a reserva de sala e a organização do espaço é a Diretoria Cultural. O grupo já existe há mais de 12 anos e sempre funcionou muito bem. Ampliamos a iniciativa para incluir também encontros de filmes. Algumas participantes gostam das duas propostas, outras preferem

apenas os livros e também chegaram novas pessoas interessadas somente na parte de filmes", conta Luciana.

Por já organizar um projeto, ela passou o bastão para Odila Damian coordenar o Cine Iate. No grupo do WhatsApp, os participantes, em sua maioria mulheres, fazem sugestões de filmes e votam no seu preferido. Os dois mais votados são colocados em um segundo turno para uma votação final no dia da reunião. Assim fica determinado o filme para o próximo mês.

As discussões em roda são feitas com mediação espontânea. Cada sócia fala suas impressões e opiniões sobre a obra. Para Luciana, o mais enriquecedor é perceber que cada sócia tem sua área de atuação, como engenharia, medicina, psicologia, e os conhecimentos técnicos aprofundam o debate.

"Eu fico impressionada porque esse é um grupo muito especial. Temos médicas, psicólogas, engenheiras... então, dependendo do tema, cada uma contribui com detalhes que a gente nunca imaginaria. Às vezes, eu assisto o filme sozinha e tenho uma impressão, mas

quando discutimos, parece que é outra obra, porque elas aprofundam o assunto", descreve Luciana. "A presença dessas profissionais realmente leva a conversa para um outro nível."

As diferentes opiniões também são o motivo que fizeram Andyara Schimin participar dos dois grupos de discussão de livros e filmes. "É extremamente gratificante participar do Cine Iate porque o filme tem várias interpretações de acordo com quem assistiu e isso é uma riqueza muito grande para quem está participando", acrescenta a sócia. "A riqueza está nas discussões porque temos ângulos diversos sobre o mesmo filme."

Iniciado em 2025, o projeto teve seu primeiro debate no dia 27 de fevereiro, sobre "Conclave", do diretor Edward Berger. No ano passado, o filme recebeu oito indicações ao Oscar, inclusive de Melhor Filme, e ganhou a estatueta por Melhor Roteiro Adaptado. O encontro contou com a participação de 18 sócias.

APOIO DA DIRETORIA CULTURAL

Por questão de conforto e infraestrutura, as sócias preferem assistir ao filme em casa e somente debater presencialmente. A Diretoria Cultural prepara a pipoca, e a lista de confirmados ajuda a definir o local do encontro. Como o Cine Iate costuma reunir, em média, 20 participantes, as sessões geralmente ocorrem na sede da Diretoria Cultural, mas podem mudar de espaço conforme a demanda, como foi o caso do filme de setembro “Amor Esquecido”, que bateu recorde de sócios.

“Teve um filme que foi realmente especial. Convidamos um neurologista para participar. Isso mudou completamente o nosso formato. Fizemos uma divulgação prévia dizendo que haveria esse especialista para debater o tema da memória tratado no filme ‘Amor Esquecido’, e isso chamou muita atenção. O número de participantes praticamente triplicou”, lembra Luciana. “Foi um dos encontros que mais marcaram o grupo.”

No mesmo momento, Odila se recorda do médico ressaltar como os filmes também são um ótimo exercício para a memória, pois “conversar socialmente sobre as obras e dar a opinião faz com que a história fique mais cravada e nós nos lembramos mais da história”.

Para a diretora cultural, Sílvia Frabetti, os projetos Cine Iate e Livros e Raquetes são fundamentais para enriquecer a vida cultural do Iate. “Os encontros proporcionam um espaço de troca e reflexão, onde nossas sócias podem compartilhar suas experiências e paixões pela literatura e pelo cinema. Como diretora cultural, tenho orgulho em afirmar que as artes são uma poderosa ferramenta de conexão e aprendizado, e estamos comprometidos em fomentar esse diálogo entre nossos membros”, reforça.

DIÁRIO DE CINÉFILAS

A Sociedade Livros e Raquetes, como forma de registrar todos os encontros já feitos, mantém um blog com os livros discutidos, as leituras feitas no período da pandemia e as fotos dos eventos realizados.

Para documentar também os filmes, as sócias criaram a seção “Cinema e outras artes” com a ficha técnica das obras assistidas, as fotografias e as impressões das participantes. A participação e contribuição dos textos são de todas, já a organização fica por conta de Andyara, Ana Brandalise e Inocência Mota.

“No blog, a gente atualiza quais foram os livros e filmes indicados e quais foram escolhidos. Ele começou como um espaço sobre livros, mas acabou se transformando também em um blog de filmes, porque sempre surgem várias indicações ótimas e apenas uma é selecionada no mês. Para não perder esse histórico, a gente registra tudo ali”, relata Luciana. “Eu gosto muito disso porque, no fim das contas, acabo assistindo dois ou três daqueles que ficaram de fora.”

Outro ponto de destaque para Odila é a escrita. Assim como ocorre nas leituras mensais, muitas sócias registram suas impressões por escrito, que depois são reunidas e publicadas no blog.

“O filme já é um ótimo exercício pra nossa cabeça porque você tem que se concentrar, prestar atenção e entender o enredo. E eu sempre levo minha opinião por escrito. Outro exercício para a cabeça é escrever porque você tem que pensar nas palavras e se concentrar”, opina. “Quem lê, escreve bem”, acrescenta, reforçando a conexão entre as leituras feitas no Livros e Raquetes e o cinema.

Obras assistidas no Cine Iate para você colocar na sua lista

- Adolescência (minissérie)
- Amor Esquecido
- Conclave
- O Filho de Mil Homens
- Maria
- A Menina Silenciosa
- Nossas Noites
- Pássaro Branco - Uma História de Extraordinário
- Paterson
- Os Rejeitados
- Troca Surpresa

Ficou com vontade de participar do Cine Iate? O grupo está aberto a novos fanáticos por cinema! O calendário do ano de 2026 já está fechado. O primeiro filme do ano foi “As Pontes de Madison”. Coloque na sua agenda e entre em contato com a Diretoria Cultural para entrar nos grupos de WhatsApp e ficar por dentro dos próximos filmes e novidades.

Inscreve-se por meio dos contatos:

(61) 3329-8759
memorial.iate@iatebsb.com.br



DIRETORES E DIRETORIAS

PAIXÃO CONFESSA PELO TÊNIS

O vice-comodoro, diretor de Esportes Individuais e vice-diretor de Tênis, Gilson Luz, conta sua trajetória e toda a bagagem adquirida nas seis comodorias em que integrou a gestão

Era um domingo de manhã qualquer. Gilson Luz, o Gilsão, colocou o relógio para despertar às 7h - algo que evita fazer, afinal costuma dormir tarde. Ele não é uma pessoa matinal. Acordar às 5h para ter uma rotina de milagre da manhã? Pode esquecer. Por isso, tinha tanto medo de se inscrever no campeonato do Clube do Exército. O risco de jogar de manhã era grande. Mas valia a pena tentar. Chegou até a grande final com seu parceiro, então o jeito era acordar o corpo na marra.

Tomou um bom café, se preparou e foi para o Clube. Com certeza seus 1,93 m assustaram a dupla adversária. A cafeína fez efeito, porém, mais que isso, os anos de experiência com a raquete na mão foram o suficiente para sacar bem, colocar a bola em quadra e finalizar o jogo com grandes voleios e bolas curtas.

Gilson voltou para casa com a taça. Comemorou bastante com sua dupla. Foi algo parecido como quando participou do Campeonato Brasileiro de Masters de Tênis, em novembro do ano passado, em Caxias do Sul (RS). Foi vice-campeão de duplas, mas na primeira rodada foi azarão e enfrentou logo a melhor dupla da sua chave. Ganharam a partida. À noite, na comemoração em um restaurante, foi recebido com aplausos de várias pessoas que curtiram o momento que estava vivendo.

“Eu adorei participar porque foi praticamente a primeira vez que viajei para jogar um torneio Masters. Os tenistas que estavam lá gostam muito de mim, porque eles sempre vêm para os torneios aqui no Iate, onde eu sou o diretor do evento. Fui muito bem recebido e foi uma experiência incrível. Nós ganhamos a primeira partida de dois tenistas que jogam muito e que disputam vários torneios internacionais ao longo do ano”, conta. “Foi uma grande surpresa para todos e que deixou eu e o meu parceiro confiantes para avançar até a final do torneio.”



“Minha vida sempre esteve ligada ao esporte.”

Engenheiro civil de formação, Gilson é curitibano, torcedor do Athletico Paranaense e do Botafogo e graduou-se na Universidade Federal do Paraná. Mudou-se para o Rio de Janeiro e posteriormente para Brasília. Chegou no Planalto Central em 1984 e cuidou da fiscalização e segurança de barragens hidrelétricas na Eletronorte por 35 anos.

Cinco anos após chegar em Brasília, comprou um título no Iate Clube, já casado e com a filha, Bianca, pequena. Aqui construiu um grande legado de doação e incentivo ao esporte. Passou pelas comodorias de George Raulino, Edson Mendonça, Edison Garcia, Rudi Finger, Flávio Pimentel e a atual, de Luiz André Almeida Reis. Em todas, sempre na sua maior paixão: a Vice-Diretoria de Tênis.

“Lá em Curitiba, eu era sócio do Graciosa Country Club [que você pode conferir mais na matéria sobre Clubes Conveniados na página 26], comecei a jogar tênis e

golfe. Pela altura, comecei a jogar basquete também. Só voltei a jogar tênis quando eu entrei aqui no Iate, em 1989, e também joguei nos Jogos Eletricitários. Nada muito competitivo, sempre para me divertir”, revela. “Minha vida sempre esteve ligada ao esporte.”

Os esportes são individuais, mas o trabalho para incentivar no Clube é feito em colaboração. Gilson destaca que “a gente tem que pensar coletivamente e não individualmente, se não a coisa não funciona”. O complexo tenístico do Iate Clube é considerado um dos melhores do Brasil e as quadras de saibro são extremamente elogiadas. Para ele, isso é motivo de muito orgulho, ao ver como o tênis mudou durante todos esses anos.

Na sua gestão, ele também buscou trazer eventos esportivos de grande relevância para o Iate, como campeonatos profissionais, de masters e infantojuvenis. Em maio, se prepara para organizar novamente o ITF Masters

“

Em um clube a gente tem que pensar coletivamente e não individualmente, se não a coisa não funciona.”

Brasília, que há quatro anos recebe o prêmio de um dos melhores torneios de Masters do mundo. O Clube ganha visibilidade, e o sócio uma oportunidade de aprender a partir da observação de bons jogos.

Gilson destaca que sua maior entrega foi o Projeto de Iniciação Esportiva, para sócios entre 4 e 14 anos, que impulsionou os esportes no Clube, com a semente plantada no final da gestão de George Raulino e consolidada durante a gestão de Edson Mendonça. Em 2004, o Iate tinha o perfil de sócios mais adultos e idosos. Para mudar esse cenário, a grande sacada foi oferecer aos

associados três opções gratuitas para inscrever os filhos, como tênis, vela, futebol e natação. O *case* de sucesso foi premiado em 2006, no Congresso Brasileiro de Clubes.

“Nossa ideia era tirar o menino de casa, do videogame, da televisão, e trazê-lo para o Clube com escolas gratuitas de iniciação esportiva. Naquele tempo, a gente não tinha muita pretensão e podíamos oferecer três modalidades. Com o sucesso das Escolinhas Esportivas e com a alta demanda de lista de espera de pretendentes e com os custos subindo assustadoramente, pois começamos a oferecer várias modalidades esportivas, não podíamos

mais arcar com as três modalidades gratuitas. Há dois anos, reduzimos para uma gratuita e as demais com mensalidades bem abaixo das praticadas no mercado”, explica.

Na vice-comodoria, Gilson conta que está ali como um “suporte” para o Comodoro. “Eu e Cecília [1ª vice-comodoro] participamos de eventos, de reuniões de diretoria, e representamos o Comodoro uma vez ou outra, mas a grande carga quase totalitária recai sobre o Comodoro”, afirma. “Ficamos ali para apoiar.”



“

Nossa ideia era tirar o menino de casa, do videogame, da televisão, e trazê-lo para o Clube com escolas gratuitas de iniciação esportiva.”



IATE COM AMOR

Em casa, o diretor de esportes individuais sempre está com a televisão ligada em canais esportivos. Ele também tem um espaço gigantesco com troféus dele, da esposa Regina, que faleceu em 2025, e da filha Bianca, que treinou durante anos na Dumont Tênis no Iate e jogou tênis universitário americano.

Ele e Regina têm diversas taças de competições que participaram juntos no Clube. Uma delas foi no tradicional campeonato de casais, o “Iate com amor”. O torneio trazia vitórias e harmonias, mas também muitas discórdias entre os casais que disputavam. Para o bem de todos e todas, o torneio nunca mais foi realizado.

A partir de agosto, com o falecimento de Regina, Gilson teve que ressignificar a vida e tentar se adaptar à nova realidade. A filha

o incentivou a se inscrever na academia do Clube e seguiram o planejamento de fazer uma viagem para Estrasburgo no Natal e por Londres, cidade onde a jovem mora atualmente. Um dos passeios foi visitar o complexo do *All England Lawn Tennis*, famoso pelo tradicional Grand Slam de Wimbledon.

“Se você pensa em estádio de futebol, vem o Maracanã na cabeça. Se pensa em tênis, é Wimbledon. Eu e minha filha fizemos um tour, vimos o complexo completamente vazio e visitamos o museu. É a essência do tênis. É muito difícil conseguir ingresso, mas já fui uma vez. Você vê as pessoas de terno, bem-vestidas e se sente muito importante também”, conta.

Às terças, às quintas, aos sábados e aos domingos, Gilson sempre está

pelo Clube. Passa na Comodoria, Gerência de Esportes, Secretaria de Esportes Individuais, Secretaria de Tênis, assina documentos, participa de reuniões, despacha decisões e se apronta para mais uma partida noturna nas quadras.

Quando as luzes se acendem, ele se prepara para devolver a bola. Aos 70 anos, dá o melhor de si. Recebe uma bola alta e fecha o ponto em um smash no contrapé do seu adversário, sem deixar a bola quicar. Comemora o ponto e pensa que devia se inscrever em mais torneios em 2026. Ainda está em forma e quando o nome Gilson Luz aparece na lista de inscritos, as pessoas já se assustam, porque sabem que vão encontrar um grande adversário do outro lado da rede, pelo menos em tamanho.



CHURRASCO SOFISTICADO



A cozinha faz parte da vida da sócia Catarina Melo desde novinha, momento em que já acompanhava e admirava a mãe cozinhando. No final da adolescência, fazia jantares para os amigos e a família, mas só resolveu tornar isso sua profissão quando se formou em direito e percebeu que não era aquilo que queria.

“Comecei a estudar gastronomia e, depois de formada, comecei a dar aulas para amigas. O que começou despretensiosamente acabou virando minha grande paixão”, revela. A especialidade da chef de cozinha são pratos quentes e salgados. Ela aprendeu de tudo um pouco: cozinha internacional, panificação, confeitaria e culinária brasileira.

Para a seção **Churrasqueira & Cia**, Catarina traz uma receita especial para as festas nas churrasqueiras

no Clube: um espetinho de camarão com abacaxi. A sócia explica que o prato é ótimo por quatro motivos: traz um visual incrível na grelha, é um preparo rápido (entra e sai da churrasqueira), pode ser servido como entrada ou prato principal leve e dá aquela sensação de “churrasco sofisticado, sem complicar”.

A seguir, confira a receita completa com as dicas de Catarina.



ESPETO DE CAMARÃO COM ABACAXI GLACEADO DE MEL E MOSTARDA

(serve quatro pessoas)

Ingredientes:

- 500 g de camarão grande, limpo
- 2 xícaras de abacaxi em cubos grandes (caso não tenha abacaxi, vale usar a manga palmer não muito madura em cubos médios)
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Azeite de oliva

Glaceado:

- 2 colheres (sopa) de mel
- 1 colher (sopa) de mostarda dijon
- Suco de limão
- 1 colher (chá) de manteiga derretida

Modo de preparo:

- Tempere os camarões com sal, pimenta, limão e um fio de azeite.
- Monte os espetos alternando camarão e abacaxi.
- Misture todos os ingredientes do glaceado.
- Leve à churrasqueira em fogo médio, grelhando por cerca de 2 a 3 minutos de cada lado.
- Pincele o glaceado enquanto grelha, até caramelizar levemente.

Dica de serviço

Sirva os espetinhos em uma travessa, finalize com ervas frescas e acompanhe com:

- arroz branco soltinho;
- farofa crocante; e
- uma salada verde simples.

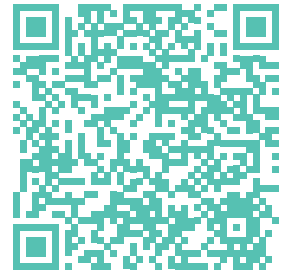
IATEGRAM

O ano de 2026 começou em grande estilo para os sócios com uma grande comemoração de Réveillon no Clube. Em uma festa exclusiva para associados e entrada gratuita na Orla, o Iate brindou a chegada do novo ano.

Em janeiro, o Clube se preparou para sediar pela oitava vez o Campeonato Brasileiro de Snipe. Em fevereiro, as agendas sociais e esportivas continuaram agitando o Clube com mais um torneio nacional, desta vez o Troféu Brasil de Judô, primeira competição do calendário da modalidade.

O Clube abriu alas também para as comemorações carnavalescas com a Feijoada e o Iate Folia Kids. Confira, a seguir, os cliques dos encontros que marcaram o primeiro trimestre do ano:

Você confere todas as fotos pelo QR Code:



Abertura das atividades do Emiate



CBI de Judô



Colônia de férias



Feijoada do Iate



Sessão solene na CLDF: Cidadão Honorário



Reinauguração do Memorial



76º Campeonato Brasileiro de Snipe



Entrega da Medalha de Mérito Tamandaré



Réveillon do Iate



PRINCIPAIS EVENTOS

MARÇO A JUNHO

De março a junho, o Clube receberá diversos eventos culturais, torneios, confraternizações e regatas. Confira os destaques a seguir:

25 a 29 de março

Open Beach Tennis Series

28 e 29 de março

Exposição Poucas e Boas

7 a 12 de abril

Torneio de Sinuca late 66 anos

11 e 12 de abril

Regata Aniversário do late Clube de Brasília - Veleiros Cabinados

25 e 26 de abril

1º Torneio de Jogos de Cartas

30 de abril a 3 de maio

21º Open de Squash

4 a 9 de maio

ITF Masters Brasília

16 de maio

Copa Comodoro Master de Natação

21 e 22 de maio

Copa Comodoro e Copa Brasil de Águas Abertas

10 a 13 de junho

Festa Junina

*Os respectivos eventos podem sofrer alterações de data sem aviso prévio. Siga as nossas redes sociais (@iatebsb) e acompanhe o site (iateclubedebrasil.com.br) para possíveis atualizações. A lista completa de tudo que está na agenda do Iate Clube você confere no site, pelo QR Code:



IATE⁺

CLUBE DE VANTAGENS

Mais vantagens para a família latista.

Um clube de benefícios exclusivos
com os melhores parceiros.



Acesse nosso site
pelo QR Code.
Confira agora mesmo!

+ BENEFÍCIOS
+ VANTAGENS
+ CONFORTO

